

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO: — O trabalho escolar nas classes An3 —

Club Agrícola “Alberto Tôrres”. — **COLABORAÇÃO:**

Aimoré Dutra, A propósito de Caixas Escolares.

TRANSCRIÇÕES: Educação Sanitária nas Escolas. —

Programa em Experiência (2.º ano).



Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação



O Trabalho Escolar nas Classes Anuais

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — 3.º SUBSERVIÇO

A repetência nas classes da primeira série é problema cuja solução vem preocupando constantemente o D. E. Há anos passados, quando chefe do D. E. o saudoso Dr. Eliseu Laborne Vale, punha-se em fóco a questão da repetência, mediante o estudo do movimento escolar no Estado e especialmente na Capital. Medidas foram tomadas no sentido de melhorar o rendimento escolar, tanto quantitativa como qualitativamente, tais como: pesquisas para determinar as principais causas de repetência, intensificação do contróle e da assistência que o D. E. vinha exercendo e dispensando aos Grupos, estabelecendo com êles comunicações mais frequentes, opinando sobre a homogeneização das classes, aplicando testes para medir o rendimento escolar, apreciando, em todos os seus aspectos, o trabalho letivo realizado em cada Estabelecimento, promovendo, com os inspetores, reuniões anuais para discussão de problemas de ordem administrativa e pedagógica, e, de acôrdo com as necessidades, com as diretoras, professoras técnicas e professorado da Capital. Procurou ainda o D. E. fazer um trabalho de propaganda, através do rádio e da imprensa, promovendo o funcionamento regular da "Hora Escolar" e fazendo, sempre que possível, pequenas publicações. Intensificou e organizou a distribuição de livros escolares e de literatura infantil. Intendeu a instalação de Cantinas e acompanhou com interesse o seu funcionamento.

Em Belo Horizonte, o número de repetentes vem diminuindo lenta, mas sensivelmente, e a marcha escolar dos alunos tende a normalizar-se, conforme demonstram os dados estatísticos apurados até 1946.

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS PELAS SÉRIES DO CURSO NOS GRUPOS ESCOLARES DE BELO HORIZONTE

BELO HORIZONTE

ANOS	1.º DE UNIDADE	1ª SÉRIE		2ª SÉRIE		3ª SÉRIE		4ª SÉRIE		TOTAL
		Matrícula	%	Matrícula	%	Matrícula	%	Matrícula	%	
1935	—	7.189	50,5%	2.931	21,1%	2.450	17,2%	2.594	11,2%	11.228
1937	—	7.487	45,6%	4.291	25,8%	2.993	17,8%	1.848	11,1%	16.612
1939	27	7.850	41,7%	5.092	27,0%	3.819	20,2%	2.085	10,8%	18.793
1941	30	8.557	40,3%	5.786	24,9%	4.971	20,3%	2.656	12,3%	21.470
1943	83	8.397	37,2%	6.296	27,8%	4.895	21,0%	2.999	13,2%	22.595
194	82	8.814	37,1%	6.314	26,0%	5.379	22,0%	3.265	13,0%	23.712
1946	33	9.459	37,9%	6.825	27,2%	5.231	20,9%	3.481	13,9%	25.027

Observa-se neste quadro que a quota referente às classes da 1.ª série, absorvia mais de 50 % da matrícula total, em 1935, descendo a 37,9 % em 1946.

Não obstante, porém, o progresso alcançado, essas cifras não representam ainda o ideal desejável. Fazia-se mister não só a continuidade do trabalho, como o ensaio de outras medidas tendentes a garantir às crianças da primeira série maior sucesso nos estudos.

As classes de fraco nível mental, denominadas An3 — isto é, constituídas de crianças que alcançam no teste de classificação inicial percentil entre 0 e 25 — são as que contribuem com maior contingente para a repetência. Dai a necessidade de dar-se a essas classes uma atenção especial, quer

ministrando-lhes ensino mais consentâneo com as suas possibilidades mentais, quer procurando atenuar os efeitos de suas deficiências orgânicas, congênitas ou adquiridas.

O ensino da leitura, como primeira e principal disciplina do programa, foi particularmente visado pelo D. E., que se empenha em fornecer às docentes orientação e material de leitura suscetível de facilitar o trabalho daquelas e a aprendizagem dos alunos.

Para atacar este aspecto da aprendizagem, organizou-se, em 1946, um material de leitura especial para as classes fracas, aproveitando-se os quadros de Linguagem de Arnaldo Barreto, existentes na maioria dos nossos estabelecimentos de ensino. Dentre esses quadros, escolheram-se os mais sugestivos e a eles foram anexadas pequenas historietas, com um vocabulário inferior a cem palavras, formando-se um total de 12 lições, que constituíram o material básico para o ensino da leitura.

LIÇÕES

1.ª

Olhem o Paulino !
Olhem o Paulinho !
Ele tem um cachorrinho.

2.ª

Olhem a bola do Paulinho !
Ela vai pulando, pulando.
A bola faz assim: paf, paf.

3.ª

Esta menina é a Luci.
Ela é irmã do Paulinho
Ela tem uma boneca.

4.^a

Ui! ui! ui! diz Luci.
Os patos vão me pegar.
Corre, Luci, corre dos patos.

5.^a

Vocês estão vendo o peru?
Paulinho dá milho ao peru.
O peru faz assim: glu — glu.

6.^a

Olhem os patinhos!
Os patinhos nadam no rio.
Eles fazem assim: quá — quá.

7.^a

Quieto, Totó! diz Paulinho
Quieto, Totó! diz Luci.
Totó é o cachorrinho.
Ele fica quietinho, quietinho.

8.^a

Au, au au! diz Totó.
Au, au, au! diz Catita.
Você é mau, Paulinho.
Você levou o Totózinho.

9.^a

Que bonito burrinho!
O burrinho é de Luci.
Ele se chama Quati.
Luci dá cenoura ao Quati.

10.^a

Corre, Paulinho, corre.
Sobe depressa aqui, diz Luci.
Paulinho sobe depressa.
Ele diz assim: ui! ui!
Os patos vão me pagar.

11.^a

Vocês estão vendo o Mimi?
Mimi brinca com Paulinho.
Mimi é o gatinho.
Ele faz assim: miau ... miau ...

12.^a

Vamos, meninos,
vamos trabalhar,
diz a professôra.
Os meninos, batem pregos!
tem! tem! tem!
Que bom é trabalhar!

Na elaboração das lições procurou-se atender, o mais possível, à psicologia da criança e aos princípios psicopedagógicos da leitura. O material foi experimentado primeiramente em duas classes An3 de dois Grupos Escolares da Capital, e os resultados obtidos animaram a que se fizesse uma experiência em maior escala. Assim, no início do ano passado, findo, depois de impressas, foram as lições enviadas aos estabelecimentos de ensino onde trabalham professoras técnicas, juntamente com a seguinte circular:

CIRCULAR N.º 1

Sr. Diretor.

Estudos e pesquisas realizadas no Departamento de Educação sobre o rendimento escolar nas classes fracas da 1.ª série vêm demonstrando a necessidade de darem, diretores e professoras, maior atenção a essas classes, pois nem mesmo o programa do 1.º semestre tem sido satisfatoriamente vencido pela maioria delas, em um ano de escolaridade.

Daí o grande número de repetentes que ainda pesa em nossas estatísticas escolares, não obstante o trabalho que desde 1932 vêm fazendo o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e o Departamento de Educação, com o propósito de solucionar o problema da repetência e levantar o nível educacional de nossas escolas.

Precisamos encarar o problema de repetência não somente do ponto de vista social e psicológico, com suas fundas repercussões na alma infantil. Também seu aspecto cívico e econômico merece igual consideração.

Se muitos favores que independem da vontade dos responsáveis pelo ensino podem influir negativamente nos resultados escolares, há, por outro lado, que reconhecer o quanto pode realizar o trabalho do docente conduzido com inteligência, boa técnica e devotamento.

Uma das causas de insucesso nas classes fracas está no emprego de métodos e de material de leitura inadequados.

O estudo do Teste P. S., publicado na "Revista do Ensino" de julho de 1946, e para o qual peço a atenção do corpo docente desse estabelecimento, põs em evidência que a aprendizagem de sentença se faz mais facilmente que as das palavras e estas mais que a das sílabas.

Portanto, ministrar o ensino da leitura por meio de palavras ou sílabas, sobre ser desinteressante, viria contrariar o processo natural de aprendizagem seguido pela criança.

Assim sendo, este Departamento teve o propósito de colaborar com as escolas no sentido de sanar uma das falhas

existentes no ensino das classes citadas. Para isso, organizou o material de leitura que ora vos envia, a fim de ser usado nessas classes, durante o corrente ano, a título de experiência.

As lições são simples, de fácil e rápida fixação, e devem ser coladas as gravuras dos Quadros de Linguagem, de Arnaldo Barreto, existentes nas escolas, constituindo, assim, cartazes semelhantes aos do Pré-livro de Lili.

As lições devem ser dadas na seguinte ordem:

1.ª	lição	—	Quadro I
2.ª	"	—	Idem
3.ª	"	—	Quadro II
4.ª	"	—	" XII
5.ª	"	—	" XIV
6.ª	"	—	" XX
7.ª	"	—	" IV
8.ª	"	—	" VI
9.ª	"	—	" XVII
10.ª	"	—	" XXIII
11.ª	"	—	" XVIII
12.ª	"	—	" XIX

Observações: A gravura da 2.ª lição é a mesma da 1.ª. Nesta, porém, deve-se cobrir a bola, tornando-a invisível. Na 2.ª lição, a gravura aparece com todos os elementos que a compõem.

O processo a seguir pode ser o mesmo exposto no "Manual da Professora" do Pré-livro de Lili. Seria, talvez, aconselhável não entrar na decomposição em sílabas. Deve-se, entretanto, chamar a atenção dos alunos para as palavras que têm sons ou sílabas idênticas, a fim de que eles possam, ao término do período letivo, reconhecer e distinguir facilmente semelhanças e diferenças entre elas.

Os desenhos de objetos e animais, que estão no pé das gravuras, devem ser aproveitados para fichas de palavras.

com os nomes desses desenhos escritos no verso, a fim de se aumentar, pouco a pouco, o vocabulário da leitura dos alunos.

Quaisquer consultas ou pedidos de esclarecimento sobre o assunto poderão ser feitos a este Departamento.

As professoras técnicas devem enviar a este Departamento, ao fim de cada semestre, um relatório sobre a aplicação do material de leitura, seus resultados e outras observações.

Esperando que o novo material de leitura possa concorrer para melhorar a aprendizagem nas classes fracas e fazendo votos pela vossa felicidade pessoal e êxito dos vossos trabalhos, sirvo-me da oportunidade para apresentar-vos minhas atenciosas saudações.

(a) *Emílio Guimarães Moura* — Superintendente.

Seja pelas razões científicas em que se baseia o método global, seja porque a experiência e o estudo dos testes de escolaridade aplicados às classes An3 o indicam como o mais aconselhável para as crianças desse tipo, (Ver "Estudo do teste P. S.", publicado na "Revista do Ensino" de abril a junho de 1931 e no boletim n.º 14) o D. E. recomendou às professoras que usassem preferencialmente o referido método.

Entretanto, o método e o material de leitura, por excelentes que sejam, não bastam para resolver o problema da aprendizagem com alunos mentalmente fracos. Essas crianças apresentam uma série de deficiências que dificultam o seu desenvolvimento escolar, e as condenam ao fracasso se não receberem na escola tratamento adequado às suas necessidades físicas, morais ou intelectuais. Falta-lhes, em geral, a maturidade necessária para iniciarem não só o estudo da leitura como de outras disciplinas do programa.

Dentre as principais causas que obstam esta aprendizagem estão a incapacidade de atenção mais prolongada, a timidez, o desinteresse para aprender a ler, a pobreza de vocabulário, a deficiência de memória visual ou auditiva, as

dificuldades de pronúncia, a falta de controle muscular, os defeitos de visão ou audição, a fatigabilidade, a instabilidade excessiva, desnutrição, etc.

Portadores de tais deficiências, não podem ser tratados como indivíduos dotados de desenvolvimento normal.

Organizou-se, então, para as classes An3, a título de sugestão e em caráter experimental, um programa e horário adaptados do que foi publicado por d. Helena Antipoff, na "Revista do Ensino" de abril a junho de 1931 e enviados na circular seguinte:

Circular n.º 2

Sr. Diretor,

Em aditamento ao que foi explanado na circular n.º 1 deste Departamento, apresento-vos as sugestões seguintes para o trabalho educativo nas classes An3.

Considera-se aluno fraco, classificado como tipo An3, o que revela desenvolvimento retardado, com um atraso mental de cerca de 3 anos.

Para melhor rendimento escolar, é necessário agrupar as crianças em classes do mesmo nível mental e ministrarlhes ensino adequado às suas capacidades, conforme já aconselhamos nas instruções para homogeneização das classes, publicadas por este Departamento.

Feita a seleção dos alunos e organizadas as classes, deve a professora interessar-se pelo aluno, individualmente, e procurar conhecer-lhe as condições físicas, o meio social e a personalidade — ponto, aliás, indispensável ao trabalho em qualquer classe. *Com crianças mentalmente fracas, a parte educativa deve predominar sobre a de instrução.*

Tais crianças apresentam, geralmente, grandes deficiências de memória, de atenção, de observação, de controle muscular, etc. É necessário que tais deficiências sejam sanadas pouco a pouco. Não se deve, portanto, submetê-las a uma disciplina rígida, nem consentir que se imobilizem nos bancos escolares. Elas necessitam de atividade: atividade manual, atividade esportiva e intelectual. Há que dar-

lhes educação sensorial e ensino intuitivo. Este deve ser orientado de modo a satisfazer as necessidades de cada criança.

O desenvolvimento do Programa e o tempo destinado às lições não poderão sujeitar-se às mesmas normas das classes fortes. Deve haver, igualmente, e interessante material ilustrativo: jogos, etc.

A título de sugestão e em caráter experimental, adaptamos o programa e horário abaixo, para serem usados nas classes An3 no corrente ano.

Educação dos sentidos	50 minutos por semana
Educação da atenção	50 minutos por semana
1 — Trabalhos manuais	2 horas por semana
2 — Exercício de desenho	1 hora e 15 minutos por semana
3 — Ginástica	1 hora por semana
4 — Canto	1 hora e 15 minutos por semana
5 — Excursão	1 hora e 15 minutos por semana
6 — Linguagem oral	1 hora e 40 minutos por semana
7 — Leitura	2 horas e 30 minutos por semana
8 — Escrita	50 minutos por semana
9 — Ortografia	40 minutos por semana
10 — Aritmética	2 horas por semana
11 — Ciências naturais	1 hora por semana

OBSERVAÇÕES: — As aulas de leitura devem ser dadas diariamente, em 2 períodos: o primeiro, para leitura interpretativa, com a duração de 15 a 20 minutos; e o segundo, para jogos e exercícios de fixação, com a duração de 10 minutos, conforme recomenda o Programa em Experiência.

Os exercícios de Aritmética serão, igualmente, diários e dados em dois períodos: o primeiro, maior, de 15 a 20 minutos, no máximo, e o segundo, de 10 a 13 minutos, no máximo.

Os exercícios de educação sensorial e de atenção não devem exceder de 10 minutos cada um.

Devem também ser dados, diariamente, porém com certa duração, os exercícios de desenho, canto, escrita e ortografia, obedecendo-se às instruções do Programa em Experiência.

As excursões devem ser tão freqüentes quanto possível e motivar muitos exercícios de linguagem oral, desenho, trabalhos manuais e outras atividades.

O tempo determinado para cada exercício ou atividade pode ser prolongado, se, findo o prazo, a classe mostrar-se vivamente interessada pela aula.

Quanto às ciências naturais, é necessário lembrar que “o ensino de Ciências no primeiro ano não contém noções para se transmitirem às crianças, mas pontos para observação”.

Para ortopédia, recomendamos sejam aplicados os exercícios indicados pela professora Helena Antipoff e publicados no Boletim n.º 14 — Ortopédia mental — de 1934, e na “Revista do Ensino” ns. 56-57-58, de abril, maio e junho e ns. 59-60 e 61, de julho, agosto e setembro de 1931, excluídos, todavia, os que exigirem material que a escola não possa adquirir ou confeccionar.

Devem as docentes variar os exercícios, organizando outros e evitando que os alunos os executam mecânicamente.

Recomendo às professoras técnicas orientar e acompanhar atentamente o trabalho nas classes fracas, e às regentes, estudar, comentar e discutir o livro “Educação das Crianças Retardadas”, de Alice Descoedres, e o artigo sobre o ensino nas classes especiais, da professora Helena Antipoff, publicado na Revista citada.

Na certeza de que dispensareis ao assunto a atenção que lhe merece, apresento-vos sr. diretor, meus sentimentos de estima e apreço.

Atenciosas Saudações.

(a) *Emílio Guimarães Moura* — Superintendente.

Para verificação do trabalho realizado, enviou-se no fim do ano, o questionário que se segue, a fim de que as professoras informassem sobre os resultados da experiência.

QUESTIONÁRIO SOBRE O ENSINO NAS CLASSES AN3

1 — a) N.º de classes An3 que funcionaram no estabelecimento.

b) Matrícula de cada classe.

c) Freqüência média de cada classe até o mês de setembro.

d) Composição de cada classe (n.º de alunos), segundo os percentis alcançados no teste inicial.

Por exemplo:

N.º da Classe	Percentis		
	0	10	20
1		9	12
2	—	32	

2 — a) Deficiências mais freqüentes apresentadas pelos alunos em cada classe: visão, audição, controle muscular, destreza, apatia, excitação, enfermidades, etc.

b) Quais as medidas tomadas para sanar essas deficiências?

c) Quantas crianças em cada classe receberam assistência médica?

d) Quantas crianças em cada classe apresentaram melhoras em suas deficiências e no estado geral de saúde?

3 — Funcionaram as classes com regularidade durante todo o período letivo?

Em caso contrário, quantas interrupções ou substituições se verificaram? (Especificá-las por classes).

4 — a) Adotaram todas as docentes o programa e o horário sugeridos por este Departamento, na circular n.º 2, de 7 de abril do corrente ano?

b) Que resultados obtiveram?

c) No caso de não terem sido adotados, quais os motivos?

5 — a) Foram dados diariamente exercícios para educação dos sentidos?

b) Quais?

c) Que resultados foram obtidos?

d) Beneficiaram-se todos os alunos com esses exercícios?

6 — Quantas excursões foram realizadas em cada classe?

7 — a) foi experimentado o material de leitura fornecido por esse Departamento?

b) Em quantas classes?

c) Caso não tenha sido usado, quais os motivos?

8 — Houve atividades preparatórias para predispor os alunos à leitura?

9 — Que orientação seguiram as professoras na aplicação do material de leitura?

10 — Como reagiram as crianças ante esse material?

11 — Foram os cartazes desenhados no Grupo, ou foram aproveitados os quadros de linguagem de Arnaldo Barreto?

12 — Como foi organizado o material de cada criança?

13 — Quanto tempo levou cada classe a fixar cada lição?

14 — a) Foram estudadas todas as lições do pré-livro?

b) Em caso contrário, quantas foram apresentadas?

c) Quantas palavras conseguiram as crianças estudar e fixar? (Discriminar por classe)

d) Quais foram as palavras fixadas mais rapidamente?

e) Mostraram as crianças maturidade suficiente para entrar na fase da decomposição das palavras em sílabas?

f) Quantas em cada classe?

g) Quanto e como se verificou essa maturidade?

15 — a) Quantas crianças em cada classe alcançaram possibilidade de promoção ao segundo ano?

b) Quantas crianças alcançaram possibilidade de promoção ao 2.º período?

Discriminar por classe esses dados.

Classe n.º 1 — Têm possibilidade de promoção ao 2.º

ano.....

Têm possibilidade de promoção ao 2.º período

c) Foram essas crianças conservadas na mesma classe ou foram transferidas para outras classes?

d) Quais as alterações havidas?

16 — a) Apresentou o material de leitura fornecido pelo D.E. falhas ou dificuldades para a aprendizagem?

b) Quais foram?

c) Que sugestões apresentais para serem melhoradas as lições e o material em si?

17 — Que material suplementar foi usado no ensino da leitura?

18 — a) Adotou alguma professora método e material de leitura diferentes dos que foram recomendados pelo D. E.?

b) Quais foram esse método e material?

c) Que resultados foram obtidos?

19 — a) Consultaram as docentes livros que orientam o trabalho com alunos retardados?

b) Quais foram?

20 — a) Fizeram as orientadoras reuniões com as regentes de classe para troca de idéias e auxílio no desenvolvimento de seus trabalhos?

b) Quantas reuniões foram feitas?

21 — a) Prestou a orientadora assistência freqüente às classes An3?

b) Como desenvolveu ela esse trabalho?

22 — a) Conseguiram os alunos aprender a matéria contida no primeiro semestre do programa de aritmética?

b) Quais as dificuldades encontradas pelos alunos na aprendizagem dessa matéria?

c) Que atividades foram dadas para concretizar esse ensino?

d) Quantos alunos em cada classe obtiveram possibilidade de promoção em aritmética?

23 — Que atividades foram realizadas na aprendizagem de outras matérias do programa, como: ciências naturais e higiene, trabalhos manuais, etc.?

*

Em face das respostas apurou-se o seguinte: Em cerca de 80 classes foram adotados o programa, horário e material de leitura recomendados.

Destas classes, 29 eram constituídas exclusivamente de alunos de tipo An3 e as restantes de alunos An3 e An2 classificados em percentes mais fracos.

Funcionaram regularmente, isto é, sem substituições e em horário integral, 32 classes.

As deficiências mais freqüentes verificadas nas crianças foram: defeitos de visão, audição, apatia, excitação, falta de controle muscular, desnutrição e enfermidades. Destas, a desnutrição foi a mais freqüente, existindo em algumas classes em mais de 60% de crianças. Atendendo ao que lhes havia recomendado, as professoras tomaram medidas no sentido de melhorar as condições de seus alunos, seja encaminhando-os ao médico, seja fornecendo-lhes merenda mais nutritiva, ou aplicando-lhes os exercícios de ortopedia mental. Em todos os relatórios, manifestaram-se as professoras satisfeitas com o progresso alcançado pelos alunos. A diretora de um Grupo, por exemplo, assim se expressa: "Os resultados foram notados por todas as docentes, com admiração das mais antigas que sempre recusavam as classes fracas ou as aceitavam de má vontade".

Cabe assinalar, entretanto, que no tocante à assistência médica, poucas foram as crianças beneficiadas, porquanto esse serviço, não obstante sua relevância, não existe na maioria dos estabelecimentos de ensino.

Quanto ao programa e horário especiais, 25 classes o adotaram integralmente. As demais seguiram-no em parte ou com adaptações. Dentre as dificuldades apontadas para sua execução total, figuram o funcionamento em três turnos, o excesso de lotação nas classes, a falta de salas e de

professoras especializadas, etc., etc.. Todavia, afirmam que o programa e horário sugeridos concorreram para a melhoria dos alunos, permitindo-lhes acompanhar as atividades com mais interesse, bem como manterem-se atentos sem grande esforço.

Relativamente ao material de leitura, pediu-se às docentes que informassem com exatidão sobre sua aplicação — como reagiram as crianças, quais as dificuldades ou falhas existentes e sugestões para eliminá-las. Segundo a maioria das docentes, o material interessou as crianças e facilitou grandemente a aprendizagem da leitura, tendo sido usado também nas classes de repetentes com bastante proveito.

Entretanto, a falta, no mercado, dos quadros de linguagem de Arnaldo Barreto e do material impresso para o aluno, trouxe dificuldades às professoras, que se viram na contingência de fazer a mão as lições individuais das crianças, ou mandá-las imprimir nas tipografias locais, com sacrifício das exíguas verbas da Caixa Escolar.

Tôdas as docentes fizeram sentir em seus relatórios a necessidade de a Secretaria fornecer-lhes o material completo (parte do aluno e parte do professor), o que as exoneraria não só das despesas, como da sobrecarga de trabalho.

A Secretaria não seria prudente se tomasse essa medida antes de conhecer o resultado da experiência.

Agora, porém, já o D. E. não tem mais dúvidas quanto ao êxito do material. Embora incompleto, este satisfaz plenamente quanto à parte pedagógica. Assim sendo, muito fará a Administração do Ensino em benefício do trabalho educativo das classes fracas, mandando imprimir para distribuição gratuita, entre essas classes, o material completo de leitura elaborado.

No tocante ao rendimento escolar, ao fim de um ano de trabalho, seria justificável a seguinte interrogação: Podem as crianças de tipo An3 vencer o programa da 1.ª série em um ano de escolaridade?

Apurados os resultados de 27 classes dos estabelecimentos de ensino da Capital, verificou-se que, em média, 3 alunos por classe alcançaram promoção ao segundo ano e 11

alunos, em média, por classe, alcançaram promoção ao segundo período. Não podemos afirmar que tais resultados sejam maus. Todavia, talvez, não representem o máximo que o aluno An3 pode dar, quando tratado convenientemente.

Haja vista o coeficiente de promoções obtido por uma classe An3 da Capital composta de 32 alunos, sendo 20 de percentil 10 e os restantes de percentil 20 e regida por uma professora de excepcional devotamento. Dos 32 alunos dessa classe, 17 foram promovidos à segunda série e 9 ao segundo período, ou sejam 81% de crianças bem sucedidas em seus estudos, o que constitui um verdadeiro "record" em crianças de nível mental tão baixo.

Seria demasiado exigir promoção à segunda série de crianças de percentil 0 e 10. É possível, entretanto, e os resultados da experiência o comprovam — reduzir-se de muito a repetência nessas classes, se recebem tais crianças ensino adequado às suas necessidades físicas e mentais. Para isso, algumas medidas são indispensáveis:

- a) Divisão do programa em dois períodos, de modo que as crianças de percentis mais baixas consigam fazer a primeira série em dois anos e não em três e quatro, como geralmente vinha sucedendo.
- b) Redução do número nas classes (20 a 25 alunos).
- c) Assistência médica e alimentar às crianças.
- d) Programa e horário especiais em que figure maior número de aulas de trabalho manuais, de linguagem oral, de desenho, de canto e de educação física.
- e) Métodos e processos adaptados às condições dos alunos.
- f) Material didático necessário.
- g) Professora competente e devotada.

Em tais condições de funcionamento, realizáveis em nossos estabelecimentos, será possível diminuir a repetência nas classes fracas e sobretudo proporcionar às crianças ambiente e processos de trabalho tais que sejam capazes de garantir o desenvolvimento, proporcional às capacidades de cada um, é claro, mas total de suas personalidades

Clube Agrícola "Alberto Tôrres"

RELATÓRIO

No início do ano passado, 1947, a Diretora do Estabelecimento Rosalina das Neves Rocha auxiliada pela professora de Trabalhos Manuais Isolina de Paula, fundou o Clube Agrícola com o nome acima citado em homenagem àquele grande pioneiro que foi Alberto Tôrres.

Com o auxílio de tôdas as classes de 2.ª, 3.ª e 4.ª séries conseguiram transformar parte do terreno inculto do pátio em viçosa horta que no fim do ano contava com 35 canteiros todos confeccionados e tratados pelos próprios alunos.

A princípio houve certa relutância por parte de alguns pais, e mesmo de alunos em auxiliar nesse trabalho, mas hoje já o horário que lhes é destinado é esperado com visível ansiedade, com real prazer.

Assim as nossas crianças estão com facilidade aprendendo a amar a boa terra através do bem que dela recebem.

Foram feitas sementeiras de alface, chicórea, almeirão, repolho, espinafre, nabos, rabanetes, beterraba, feijões e couve.

Tôda a colheita foi destinada à sopa escolar e pequena parte vendida às professoras dando um lucro de Cr\$ 99,70.

Todo o adubo nos foi trazido pelos próprios alunos ou doado pelos srs. Prefeitos — Dr. José Procópio Teixeira e Dr. Dilermando Cruz.

Na época própria foram plantados diversos chuchuzeiros que hoje fornecem frutos para a sopa escolar.

Em setembro, no Dia da Arvore, foi iniciado o nosso pomar com o plantio de 8 abacateiros e em novembro foram plantadas 9 laranjeiras doadas pela Secretaria da Agricultura.

Hoje tôdas as fruteiras estão pegadinhas e viçosas.

Em dezembro do ano passado o Clube foi registrado no Ministério da Agricultura sob o n.º 1.374.

Em vista disto aquêlê ministério forneceu ao Clube grande quantidade de sementes e ferramentas.

Das sementeiras feitas êste ano, mais de 4 mil mudas foram distribuídas pelos alunos para o cultivo das mesmas em suas casas.

Este ano estamos com o Clube entregue à esforçada professora Maria José de Sousa Nogueira, uma grande entusiasta da agricultura, que até hoje conseguiu a confecção de 20 canteiros.

Pretendemos, no futuro, transformar todo o terreno do nosso Grupo em lindo pomar e grande horta onde teremos os frutos para o nosso alimento e a sombra benfazeja para o nosso descanso.

Grupo Escolar "Fernando Lobo" —
Juiz de Fora

A propósito de Caixas Escolares

AIMORÉ DUTRA
Inspetor Técnico do Ensino

Afinal de contas, que é uma caixa escolar ?

Dizem-no as normas legais da sua estruturação, objectivadas no estatuto oficial que as rege.

Esse aspecto jurídico do seu organismo, porém, não é tudo. Ele serve apenas como balisamento do terreno comum do direito e da lei.

Existe outro ângulo muito mais importante para chamar a atenção do educador nos movimentos desse precioso instrumento de cooperação e estímulo, — é o aspecto realmente pedagógico da vida dessa instituição.

Dêsse lado virá, fatalmente, uma inquietação constante quanto à natureza das fontes económicas onde ela terá que buscar os recursos para viver longa e útilmente.

Ora, as caixas escolares, via de regra, vivem da generosidade multicolor dos que têm patriotismo, desprendimento ou vaidade.

Bem precária e bem humilhante é a existência de quem apoia as esperanças na generosidade alheia. E mais duvidosa ainda é a técnica de se plasmarem caracteres e de se formarem personalidades que começam na desastrada oficina dos coitadinhos.

A caridade, engrandecendo e aureolando a quem a exerce, diminui e obscurece a quem a recebe, — e a generosidade que alimenta certas instituições, por mais espontânea e nobre que seja, ressuma, sempre qualquer coisa desses recalques aniquiladores. Sim! porque é sempre uma expressão viva ou apagada de dor, de desalento, de fraqueza, de naufrágio que se ameaça ou de fracasso que se realiza.

Quando essas emoções negativas se sublimam no divisor comum da resignação, as almas passivas se rendem logo e industrializam a derrota amocedando-a no cunho incerto da generosidade dos outros.

É por isso que as concepções filosóficas fortes e terríveis, — como a de Nietzsche, — aceitam a gratidão como a mais tranquila e cínica indústria das derrotas.

*

No conceito moderno da educação, aprender é cooperar. Nem pode ter outro nome que o de cooperação, a resultante de todos os esforços positivos ou negativos do rendimento da aprendizagem. Por isso mesmo, é conveniente que à criança pobre e necessitada dos socorros da caixa escolar se crie uma concepção diferente daquela com a qual, geralmente, ela recebe esses benefícios. O educando terá um orgulho nobre e um estímulo sadio se puder convencer-se de que é mais colaborador do que um beneficiado da instituição que o ampara. As fontes de renda de uma caixa escolar podem ser incrementadas e desenvolvidas consideravelmente, se houver no estabelecimento de ensino a que pertencer a caixa o espírito de iniciativa, organização e persistência que sabe descobrir e aproveitar o valor das pequenas cousas.

Em nenhum outro lugar é mais certo o brocado de que "serviço de criança é pouco, mas quem o perde é louco", do que dentro de um grupo escolar.

Comumente nós nos limitamos a exercitar as crianças em cousas supérfluas nos momentos em que temos que entretê-las em trabalhos manuais. Sim, supérfluas porque dispensamos a sua habilidade, o seu tempo e a sua vocação na inútil tarefa dos bibelôs. Às meninas, damos ocupações de finalidades decorativas ensinando-as a perigosa arte de ser rica quando a marcha da vida exige de todo mundo a arte previdente de saber ser pobre. Aos meninos, damos encargos também desatualizados e sem objetivos imediatos, sob o fundamento inconsistente de que um grupo escolar é um grupo escolar e não é uma escola de aprendizado técnico. Esque-

ceмос, com isso, as realidades pungentes e ásperas da vida hodierna que têm mobilizado crianças de 9 e 10 anos, de ambos os sexos, nos mais duros misteres, como o das indústrias fatais da guerra.

Apegamo-nos, demais, às exigências de horários, de idade, de regulamentos e de programas, esquecendo que esses fatores devem ser respeitados e seguidos de acôrdo com os rumos atuais das imposições soberanas do novo tipo de existência que todo o mundo está vivendo.

*

Quando Secretário da Educação de Minas, o Dr. Mário Brant trouxe à baila o problema dos prédios escolares, simplificando-o, praticamente, com a sugestão de que uma escola pode ser instalada, eficientemente, até num rancho de sapé.

A observação do ilustre homem de Estado deu-nos a satisfação de encontrarmos alguém de indiscutível autoridade apontando a vereda que deveríamos, há muito tempo, estar seguindo.

E fêz-nos recordar o fato de existir ainda, nas plagas amigas onde passamos a infância, um rancho de sapé, construído por quatro ou cinco crianças de cujo número faziam parte.

Lá se vão mais de trinta anos e o cozinheiro, construído por simples espírito de imitação, ao lado de outra casa que se construía na mesma ocasião, ainda presta serviços sem ter sofrido nenhum reparo — apesar do seu arcabouço tosco de madeira branca, ripada com lascas de bambu e travado a cipó e do seu revestimento efêmero, de barro estendido a sopo. Ainda é uma reserva de espaço e de abrigo para desafôgo da armazenagem de trastes, — utensílios e gêneros, — dos habitantes da casa a que se encosta como filhote.

Esse fato vem demonstrar que, nas grandes aperturas econômicas do Estado e dos municípios, as próprias crianças poderiam improvisar prédios e instalações escolares onde cinco ou seis gerações de alunos receberiam instrução primária com o mínimo ônus para os cofres públicos.

Testemunhamos, freqüentemente, a duração de peças toscas de mobiliário improvisado — mesas, tarimbas, armários, bancos, etc., — que guarnecem as habitações sertanejas e que vêm de longos anos, de bisavós a bisnetos, apesar do desleixado da confecção e do modelo provisório em que foram feitas ou da aparente fragilidade do material empregado. O senso da utilidade imediata suplantou, nelas o senso da segurança e da arte. Mas elas persistiram, através de um grande e variado préstimo, em sustentar, também, como símbolos de saudade ou de teima, a nota documentária da sua origem.

Partindo de tais demonstrações, chegaremos à conclusão animadoras quanto à possibilidade evidente de orientar-se o esforço das crianças num sentido altamente proveitoso — que é o de criarem-se nos grupos escolares, ou mesmo nas escolas singulares, atividades que possam ser industrializadas em proveito das caixas escolares.

Ainda há pouco vimos, em Santana do Paraíso, umas cestas tipo "samburá", fabricadas de palha de milho e oferecendo apreciáveis condições industriais, como artesanato leve e perfeitamente adaptável ao programa de trabalhos manuais da escola primária. Fabricam-nas uma moça da roça que as vende a dois e três cruzeiros, sem outro dispêndio mais que o do tempo, porque a palha de milho é cousa que, nas roças, deita-se ao fogo ou ao lixo. Nos municípios de Antônio Dias e Nova Era floresce outra indústria caseira e simples, de aparelhagem técnica modestíssima e de suprimento de matéria prima quase nulo sob o ponto econômico — é a manufatura de chapéus de palha.

Essa indústria não exige maquinário, não pede capital, não reclama nem mesmo habilidade. Sua técnica é tão trivial que as crianças executam-na até mesmo conversando e brincando umas com as outras e as mulheres, com o pote d'água na cabeça ou com o filho esgançado nas cadeiras, tecem as longas fitas de tranças de palhinha com que depois vão armar e enfiar o chapéu.

Entretanto, um chapéu que não anda em três cruzeiros de matéria prima é vendido por oito ou dez.

Eis aí uma apreciável fonte de renda, esquecida e relegada aos domínios, talvez, das atividades bastardas e humilhantes, porque, sendo um meio de vida plebeu, possivelmente nenhuma professora quisesse ensiná-lo, temendo atrair para a escola uma curiosidade malsã ou mesmo a censura dos pais que argumentariam não ser necessário irem os filhos à escola para aprenderem trançar chapéus.

Mas é preciso quebrar todo esse receio e vencer essas relutâncias. O menino não vai à escola aprender esta ou aquela profissão. Vai aprender a colaborar, a orientar o seu tempo, a sua habilidade e o seu esforço, de modo a concorrer para o progresso comum do seu meio. Vai aprender a prestar o seu contingente de solidariedade e de fraternidade aos colegas necessitados, trabalhando em comunhão com eles para não vê-los diminuídos e suplantados na voragem cega das desigualdades humanas.

E os desherdados do destino não vão, também, consolidar os traços desfiguradores das personalidades doentias, esperando, inativos e sempre revoltados, — embora aparentemente humildes e resignados, — os milagres da generosidade. Vão agir, vão trabalhar, — vão levar uma gota fecunda do seu suor à seara que há de abastecer, simbolicamente, o celeiro de todos.

✽

Em muitas regiões do nosso Estado vicejam, em surto avassalador de praga, plantas que podem ser exploradas com muita vantagem em benefício da caixa escolar.

Exemplo: o côco, o pinhão, a piteira, a guaxima, a bautilha, etc.

A guaxima (malvarisco), é nativa em quase toda parte. Uma vara de guaxima seca pode fornecer de quinze a vinte gramas de fibra e um quilo de fibra computa-se, na pior das hipóteses, em Cr\$ 2,50.

Se, num estabelecimento que possua 100 alunos, cada aluno conseguir armazenar 500 varas por mês, — o que ele fará brincando, displicentemente, — teremos 50.000 varas por mês, ou sejam 750.000 gramas de fibra. Quase uma tonelada! Isso representará um valor de 1.800 cruzeiros por mês. E não é devaneio aritmético nem utopia matemática. É o jogo objetivo das cousas materiais, — das cousas que nos espantam porque, pelo fato de serem demasiado simples, nós não experimentamos executar.

Ampliemos o cálculo para um estabelecimento de 250, 300, 400 alunos, — o que é muito comum, — e vejamos a fabulosa contribuição que se perde por ano e simplesmente por falta de iniciativa — uma iniciativa corajosa, persistente e confiante.

Precisamos modificar a organização das nossas caixas escolares, de modo que elas se projetem no destino dos estabelecimentos de ensino muito mais como instituições de cooperativismo do que como criação de beneficência. O aluno que receber um uniforme ou um prato de sôpa deve poder dizer, com orgulho consciente: — Eu não ganhei isto — comprei.

TABELA DE ANÚNCIOS

	Cr\$
Na capa (lado externo), 1 página	500,00
" " " " 1/2 "	300,00
" " (lado interno), 1 "	300,00
" " " " 1/2 "	200,00

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, bem como os anúncios em cores, pagarão preços especiais previamente combinados

Educação Sanitária nas Escolas

A Divisão de Educação Sanitária do SESP continua a desenvolver os maiores esforços para a disseminação de Clubes de Saúde entre os escolares das populações do Vale do Rio Doce, onde com grande entusiasmo acabam de ser inaugurados três dessa atividade extra-escolar nas cidades de Governador Valadares e Aimorés, no Estado de Minas Gerais, e na cidade de Colatina, no Estado do Espírito Santo.

Em todas essas cidades, são numerosos os escolares de ambos os sexos que acolhem com vivo interesse a importante missão de criar uma consciência sanitária entre as novas gerações, visando a educação moral e cívica pelo estímulo dos verdadeiros ideais de solidariedade humana, amor à Pátria e cooperação para o trabalho em bem da comunidade.

A associação da juventude das escolas primárias, sob o lema "SAÚDE, TRABALHO E ALEGRIA, PARA VIVER MELHOR DIA A DIA", constitui o primeiro passo para a formação do espírito sanitário coletivo que, partindo dos escolares, se difundirá a todos os elementos locais, fomentando a prática dos hábitos de vida sadia, criando ambições nobres e desejo de aprendizagem contínua, elevando dia a dia o nível social da comunidade.

O Vale do Rio Doce, cuja possibilidade econômica excede de todas as expectativas e onde a natureza se apresenta tão

bela, possui diversas cidades cujo crescimento rápido das populações todas as providências sanitárias para garantia da saúde, indispensável ao progresso da região.

Agregando os alunos em Clubes de Saúde com sede nos grupos escolares, realiza o Serviço Especial de Saúde Pública uma obra promissora de educação sanitária, oferecendo à mocidade das escolas primárias não somente os estímulos necessários para manter e desenvolver o entusiasmo de todos, como também os elementos de defesa contra os inimigos da saúde, através de palestras médicas e assistência permanente de visitadoras que manterão estreitas as relações entre os associados dos Clubes de Saúde e o Centro de Saúde local, ministrando-lhes conhecimentos atualizados de medicina preventiva, equipando assim cada escolar, com as armas de que dispõe a Saúde Pública, para o combate das endemias locais e a vigilância permanente aos agressores da saúde.

As dificuldades da hora presente, decorrência da catástrofe mundial desencadeada sobre o mundo, deverão ser estancadas pelo despertar de uma consciência coletiva, fraternalmente orientada no sentido do trabalho onde cada um sinta a responsabilidade de seus próprios atos e reconheça a sua verdadeira posição no concerto social.

Os Clubes de Saúde recém-inaugurados se propõem a esta realização, apoiados na dedicação e boa vontade das professoras auxiliares sempre dispostas a zelar pelo futuro de seus alunos, ciosas da nítida compreensão de seu apostolado e senhoras de uma autoridade ímpar.

Serão múltiplos os planejamentos de trabalho, surgidos de situações reais que permitam inculcar rudimentos de higiene praticamente executados, encaminhando a criança escolar para a realização do ideal de "APRENDER FAZENDO".

Os Centros de Saúde do Serviço Especial de Saúde Pública acolherão sempre com muito interesse, todas as iniciativas partidas dos escolares através dos Clubes de Saúde, no sentido de melhorar as condições sanitárias locais.

Depositamos, pois, nos Clubes de Saúde do Vale do Rio Doce, as melhores esperanças, certos de que, tendo sido criados com o apoio integral das autoridades municipais e estaduais e a inigualável boa vontade das Diretorias dos Grupos Escolares, haverão de realizar, sob os auspícios de Serviço Especial de Saúde Pública, uma obra duradora de educação da saúde, pela indicação aos escolares de hoje, do roteiro seguro para alcançar mocidade alegre, sadia, e vida longa e proveitosa.

(Do Boletim do SESP)

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

N.º 190 — ANO XVI — JULHO — SETEMBRO DE 1948

SOCIOLOGIA : PEDAGOGIA — LEGISLAÇÃO —
TECNICA E ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Diretor, prof. JOÃO BAPTISTA SANTIAGO

CONTRÔLE TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Endereço: — "REVISTA DO ENSINO", — SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO — BELO HORIZONTE — TEL. 2-5900

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assinatura anual Cr\$ 50,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AO PROFESSORADO
DOS ESTABELECIMENTOS ESTADUAIS

TIRAGEM desta edição — 10.000 exemplares

Programa em experiência

(2.º ANO)

INTRODUÇÃO

É o processo educativo compreendido em seus elementos fundamentais — de um lado, a criança, ser imaturo, prêso ao seu mundo físico e afetivo, inayerente ao que não tem relação com a sua vida, e, do outro, a experiência adulta, condensada em fatos, princípios e leis, visando a alcançar certos valores sociais, morais e cívicos — que demarca o traçado do programa escolar e, ao mesmo tempo, ressalta a complexidade dos problemas que o envolvem.

Realmente, conhecer a criança em seu meio, compreender as fases da sua evolução, interpretar as experiências que já possui, os motivos e interesses que a animam nos diferentes ciclos da idade; depois, encarar os fatos a serem estudados em seu aspecto embrionário, dinâmico e vital, na delimitação e gradação das dificuldades, e, ainda, em consonância com as exigências da vida, são questões que demandam estudos sistematizados, pesquisas e experimentações contínuas.

Há quem pense: a imaturidade do espírito infantil ou a superficialidade da sua experiência deve ser amadurecida ou aprofundada pela imposição da escola, a quem cumpre revelar à criança conhecimentos vastos e complexos, mesmo que não se coadunem com a dinâmica e a força dos seus interesses e experiências. Daí os programas enciclopédicos cujos fatos o educando deve aprender, ainda que não os possa compreender. Daí os insucessos escolares verso insucesso da cultura nacional.

A Secretaria de Educação, sentindo a necessidade de um programa que melhor atendesse às imposições do processo educativo, constituiu comissões de marcado valor pedagógico, encarregando-as de o elaborar.

Sem perder de vista as possibilidades do aluno, procurou-se conciliar as condições escolares atuais — composição média das classes, extensão do curso, duração do ano letivo e do dia escolar com a significação social dos conhecimentos, hábitos, atitudes e ideais que à escola cabe desenvolver.

É assim que matérias afins, como Noções de Cousas, Ciências Naturais e Higiene, que nos programas vigentes foram consideradas em separado, nos atuais constituem uma unidade de estudos reduzidos ao essencial, de modo a não comprometer as finalidades dos mesmos na escola primária.

Procurou-se, também, para atender às condições naturais do desenvolvimento da criança, evitar a sobrecarga de matérias que não se harmonizassem com as fases dos seus interesses, razão por que certos assuntos foram deixados para mais tarde, outros substituídos e outros eliminados do programa.

O estudo dos fatos geográficos, por exemplo, cuja compreensão requer certa visão social que a criança do primeiro ano, presa ainda ao seu meio familiar, não possui, passou a ser iniciado no segundo.

Com estas modificações, o trabalho escolar do primeiro ano ficou bastante aliviado. No seu horário semanal devia dar-se atenção às aulas de Língua Pátria, Aritmética, Geografia, Ciências Naturais, Noções de Cousas, Higiene, Instrução Moral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto e Exercícios Físicos.

Releva acentuar que a medida aplicada ao primeiro ano era necessária. Haja vista a percentagem elevada de crianças que o repetem uma, duas, três e até quatro vezes, resultando desta verdadeira estagnação escolar ser-lhes impossível chegarem ao término do curso primário.

Na organização do currículo escolar, encarada sob este duplo aspecto — técnico e político, e sem se perder de vista o princípio básico da educação — “não contrariar a evolução natural, antes favorecê-la”, procurou-se:

a) — seriar as dificuldades, iniciando o estudo de cada matéria pelos assuntos mais acessíveis à compreensão da criança, mais próximas de sua experiência;

b) — correlacionar os assuntos em estudo nas diversas matérias do programa (Geografia — História — Ciências Naturais — Educação Moral e Cívica, etc.);

c) — fracionar certos estudos em períodos, o que talvez facilite o trabalho didático, pela dosagem racional do tempo necessário à apresentação e assimilação dos fatos e também dosagem da matéria cuja aprendizagem se deve verificar.

Procurou-se, ainda, ordenando, de maneira clara e precisa, os diferentes aspectos da experiência coletiva em um programa realizável, sugerir algumas atividades que poderão ser desenvolvidas e adaptadas ao meio escolar, às necessidades, aptidões e capacidades dos educandos. Todavia, fê-lo sem visar a tolher a autonomia e iniciativa didáticas do professor e, sim, dar às escolas estrutura comum, no sentido de conciliar seus resultados com as exigências sociais.

A divisão da matéria de determinadas disciplinas em períodos foi adotada com o objetivo de favorecer a verificação do programa, sob o ponto de vista quantitativo, e, destarte, assegurar-se da sua exequibilidade, relativamente à extensão. Ocorre, entretanto, explicar que, na realização do seu trabalho, o professor não deve prender-se demasiadamente aos períodos. Muitas vezes, terá que passar a assuntos que estão em período diferente daquele que decorre, a fim de não perder a oportunidade para tratar de fatos atuais. Pode também acontecer que a matéria seja esgotada antes de terminado o período ou, ao contrário, não se consiga realizar tudo no espaço determinado. Em todos estes casos, é a necessidade da classe, o desenvolvimento dos educandos, que devem constituir motivos de preocupação do professor na execução do programa.

Evidentemente, a preocupação do administrador, quando lança um programa de trabalho, é que este seja executado na íntegra. Em se tratando, porém, da educação, processo de complexidade extrema, o melhor partido será experimentar, medir, para depois ajustar os interesses e possibilidades naturais do educando com o interesse político-social.

Eis porque a administração do ensino público em Minas julgou mais acertado promover uma experimentação em torno de assuntos que lhe parecem indispensáveis à cultura elementar do cidadão brasileiro. E só aqueles de comprovado valor educativo e de perfeita exequibilidade, relativamente à situação escolar atual, passarão a ser considerados partes integrantes do programa destinado à escola primária.

É neste caráter — Programa em experiência — que os presentes programas são entregues às professoras mineiras. A colaboração e a assistência interessada dos que vão realizá-lo de muito servirão para que seja melhorado. Revisto, à luz das observações relatadas pelos que o aplicarem, será, por certo, peça de valor no desenvolvimento da educação

*

Língua Pátria

Linguagem Oral

— Dilatar as experiências sobre coisas e relações do meio, através de um contacto vivo com a natureza, através de histórias, de poesias, de gravuras, de excursões e das demais atividades do programa.

— Desenvolver o pensamento e a lógica da criança através da participação em várias atividades da escola, da casa e do seu meio e através da discussão e da conversa sobre planos e atividades, e de histórias, de gravuras, de dramatizações, etc.

— Desenvolver a linguagem clara e espontânea através de oportunidades em que se leva a criança a falar, como: conversa, hora de histórias, palestras, dramatizações, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das atividades já citadas e com o enriquecimento de coletivos.

— Corrigir os erros de linguagem mais comuns ou mais graves da classe.

— Dar noções simples de sujeito e de predicado, de substantivo, de pronome e de verbo.

Leitura

— Dar um grande interesse pela leitura e pelas atividades de leitura em classe.

— Promover um desenvolvimento rápido nos hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver a capacidade de interpretação inteligente de material simples.

— Desenvolver a capacidade de ler silenciosamente matéria ligada a outras do programa como Ciência, Geografia, etc.

— Desenvolver a capacidade de ler oralmente, em situações normais de leitura oral.

Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas, bilhetes com um fim real.

— Desenvolver a boa organização dos fatos e a clareza da linguagem na composição de histórias da imaginação da criança ou à vista de gravuras.

— Oferecer boas normas de composição através da leitura de bons livros.

— Desenvolver a concordância verbal nos casos em que as composições o exigirem.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sílabas simples; com letras geminadas; com *se* e *ce*; com *x*; com *ch*; com *qu* e *gu*, etc.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem e das palavras com ditongos e tritongos.

— Desenvolver a capacidade de escrever trechos simples, sob ditado.

Escrita

— Desenvolver os hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver as qualidades de alinhamento, formação das letras, regularidades de inclinação e espaçamento.

— Treinar a escrita de 50 letras por minuto.

INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

LINGUAGEM ORAL

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver a linguagem.

Como, porém, desenvolver-se o pensamento?

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separar-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro da linguagem inclui na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Dai estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário porque a classe é confiada a um só professor:

a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias de linguagem, mas através de todas as matérias e em todas as atividades;

b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como todas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças expressem sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças, ao invés de $2+2=$, não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa da linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conversar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque êsse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se preparam.

*

No segundo ano, continua-se a orientação do primeiro.

O ambiente da escola e a personalidade do professor devem influir favoravelmente, predispõem as crianças para uma expressão espontânea e natural.

Adquire-se a linguagem através de um treino persistente e inteiramente orientado pela habilidade do professor. Atividades individuais e em grupo realizadas em classe devem criar oportunidades freqüentes para a criança falar.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

1.ª) Conversa diária sobre o plano de:

- a) atividades do dia;
- b) atividades gerais;
- c) um determinado trabalho;
- d) uma excursão;
- e) uma dramatização;
- f) um programa de auditório, etc.

2.ª) Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a "Hora de Histórias":

"O velocino de ouro" — "O isqueiro encantado" — "Rosa Branca e Vermelha" — "As duas fadas" — "Histórias de anões" — "O ganso dourado" — "Riquete topetudo" — "Os doze cisnes selvagens".

3.ª) Gravuras:

- a) expor 3 ou 4 gravuras incompletas;
- b) estimular cada criança a inventar uma história sobre as delas;
- c) estimular as crianças a trazerem pequenas gravuras interessantes sobre quaisquer assuntos;
- d) agrupar as gravuras de acordo com o conteúdo e conversar sobre elas.

4.ª) Excursões de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

Escolha de acordo com a necessidade da classe.

5.º) Dramatização:
Dramatizar uma história do tipo do "Ganso Dourado", versão de Grimm.

6.º) Poesias lidas pela professora:

- a) ler as poesias;
- b) conversar sobre as poesias;
- c) fazer decorá-las.

Sugestões quanto ao tipo:

"Os tamanquinhos", de Cecília Meireles"; "A rã e o touro", de Olavo Bilac.

7.º) Histórias lidas pela professora:

"Narizinho Arrebitado"; "O sítio do Pica-Pau Amarelo"; "Marquês de Rabicó"; "Casamento de Narizinho"; "Aventuras do Gato Félix", do livro "Reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Relativamente à gramática, que se sugere dêste período em diante, divergem as correntes, dando-lhe uns a primazia no ensino da língua, e indo outros ao extremo de suprimi-las na escola primária.

Achamos de bom aviso guardar um justo meio termo, considerando o que se nos afigura essencial, mas procurando contrabalançar os males da "gramatiquice", com a recomendação de processos mais conformes com a atual metodologia da linguagem.

Primeira preocupação do professor deve ser o treino dos alunos nas formas certas, de modo que manejem um vocabulário próprio com boa sintaxe, antes de se darem conta da existência da gramática.

Assim, por exemplo, saberão empregar adequadamente o verbo *haver*, como auxiliar, como transitivo direto e como impessoal, ainda que não conheçam essa classificação, e isso através de atividades e exercícios numerosos e bem escolhidos.

Admite-se que não saibam que *haver* seja impessoal em determinado caso, mas não troquem praticamente o verbo *haver* pelo *ter*, como usualmente se faz.

Mais tarde, depois do domínio dos fatos da linguagem, o que se comprova com a expressão certa das relações comuns da vida, é que deverá surgir o problema gramatical com a indução das regras elementares.

Primeiro a língua, depois a gramática, tendo-se presente que a gramática deve ser extraída da língua falada e escrita.

Através das várias atividades dêste trimestre, o professor deve proveitar oportunidades para formar a noção do sujeito e do predicado completos.

Atividades:

1.º — Conversa:

- a) as maneiras já sugeridas;
- b) uma vez por semana conversar sobre acontecimentos noticiados nos jornais, que possam interessar às crianças, para dilatar seus interesses.

2.º — Histórias contadas pela professora:

Hora de Histórias: — "Aladino e a Lâmpada Maravilhosa" — "A fonte da vida" — "O pássaro azul" — "O cavalo encantado" — "Branca Flor" — "João Grumete".

3.º — Gravuras:

- a) usá-la, freqüentemente, das várias maneiras sugeridas;
- b) colecionar gravuras sobre as principais personagens da Inconfidência Mineira;

c) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras.

4.º — Excursão, de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º — Dramatização:

Tipo: — "História do Tocaador de Gaita", do livro — "Histórias que a Mamãe contava", de João Kopke.

6.º — Poesia:

- a) ler uma poesia, conversar sobre ela;
- b) fazer decorá-la.

Tipos: — "Deus", de Olavo Bilac; "O Lobo e o Cão", de Olavo Bilac.

7.º — Histórias lidas pela professora:

Continuação do livro "Reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato; "Cara de Coruja"; "O Irmão de Pinóquio"; "O Circo de Escavaliinho"; "O Pó de Pirlimpimpim".

8.º — Palestras:

Para ajudar a criança a pôr as idéias numa determinada seqüência lógica, as primeiras palestras devem ser sobre coisas que ela possa mostrar ou fatos sobre que possa ilustrar facilmente:

- a) palestra sobre alguma coisa feita ou colecionada;
- b) sobre alguma coisa interessante trazida para o museu;
- c) sobre a maneira de se fazer uma determinada coisa de interesse da classe, — ex.: uma rapuca, um apiário, um passe de mágica, etc.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

Nesse trimestre o professor deve aproveitar tôdas as oportunidades para dar à criança a noção da palavra principal do predicado — o verbo — e da palavra principal do sujeito — o substantivo e o pronome.

Atividades:

Associar, quanto possível, as atividades às datas cívicas deste período.

- 1.º) Conversa.
- 2.º) Histórias contadas pela professora.

Horas de Histórias: — Nesse trimestre, a hora de histórias pode ser preenchida, de vez em quando com histórias contadas pelas crianças. As histórias devem ser curtas e contadas antes ao professor. As que forem contadas pelo professor podem ser reproduzidas, nessa hora, se forem da escolha espontânea da criança.

Sugestões para a professora:

"Cabeça de Cavalo", versão de Anderson; "A Gata Borralheira", versão de Grimm; "João Bóbo"; "Rosa Vermelha e Rosa Branca", versão de Grimm; Histórias de Anões"; "O Urso Encantado"; "Jack e o pé de feijão"; "O Príncipe querido"; "A bola de ouro".

- 3.º) Gravuras;
- 4.º) Excursões: — De acordo com o programa de ciências ou de geografia.

Escolha de acordo com o interesse da classe.

5.º) Dramatização:

Tipo: — História do Chapéuzinho Vermelho.

6.º) Poesias:

Tipos: — "O leão e o camondongo"; "O soldado e a trombeta" e "As Flores", de Olavo Bilac.

7.º) História lida pela professora:

Sugestões: — "Juca e Chico", de Busch; "As Irmãs de Juca e Chico", de Elisa Resende"; "As Irmãs de Juca e Chico"; "Sinhazinha e Maricota", de Levtzow; "O Saci", de Monteiro Lobato.

8.º) Palestras.

OUTUBRO E NOVEMBRO

O professor deve orientar seu trabalho no sentido de levar a distinguir substantivos próprios e comuns e pronomes. Oportunidades devem ser dadas também para enriquecer o vocabulário das crianças com substantivos coletivos.

Atividades:

- 1.º) Conversa. Observar as datas cívicas deste período, da maneira indicada.

2.º) Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a Hora de Histórias: — "Simbab, o marinheiro"; "No reino das fadas"; "Rosa mágica"; "Os doze cisnes selvagens"; "O velocino de ouro"; "Os doze cisnes"; "O cavaleiro do cisne"; "A fonte da vida".

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º) Dramatização:

Tipo: — Rever as dramatizações já realizadas.

6.º) Poesias:

Lezir poesias e comentá-las com as crianças. Acentuar as imagens mais bonitas e fazer sentir os elementos principais da poesia lida. Tipo: "Os Pobres" e "Natal", de Olavo Bilac.

7.º) Histórias lidas:

"O camondongo cinzento" e "Blondina", de Condessa de Ségur.

8.º) Palestras.

Resultados: — No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) contam histórias mais longas com boa seqüência lógica;
- 2) revelam grande interesse pelo trabalho criador;
- 3) conhecem e apreciam outras 20 histórias do nosso folclore;
- 4) contam com boa seqüência lógica fatos presenciados ou ocorridos consigo;
- 5) têm a noção do sujeito e do predicado, do verbo do substantivo e do pronome;
- 6) revelam o vocabulário adquirido através de experiências vividas, de histórias, de poesias, e através do estudo dos coletivos;
- 7) sabem de cor, no mínimo, oito poesias.

LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acordo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e um processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Dal, os casos tão freqüentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem, porque não interpretam. A primeira preocupação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que vai ensinar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. E' nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma, enquanto a criança não tiver um profundo interesse pela leitura e "motivos imperiosos" que a obriguem a ler.

*

Além do enriquecimento de experiência e do desenvolvimento de um interesse vivo pela leitura, a atividade máxima do segundo ano está em desenvolver rapidamente os hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa, já iniciados no primeiro ano do curso, isto é, reconhecimento rápido e acurado de palavras e grupo de palavras; capacidade de perceber grandes unidades de pensamento; habilidade de atacar palavras novas; poder de concentrar-se no texto e de interpretar inteligentemente o que lê. Isso implica leitura abundante e variada de material fácil e interessante. O vocabulário, a estrutura das sentenças devem ser os usados pelas crianças de todos os meios sociais.

As aulas de leitura terão como objetivo manter os hábitos já formados, eliminar hábitos indesejáveis e desenvolver o poder do leitor.

Para manter os bons hábitos formados deve ter-se na classe material simples e interessante que facilite a leitura independente, isto é, sem o auxílio do professor.

Os maus hábitos devem ser eliminados um de cada vez. O professor, quando reúne o grupo para a leitura, expõe claramente o hábito que tem em vista eliminar. Os exercícios para correção desses maus hábitos devem ser intensos, variados e interessantes. Por isso, aconselha-se ao professor reunir a crianças que manifestarem o mesmo grau de deficiência, trabalhar com elas e marcar trabalho para as demais. E' o melhor dos hábitos de trabalho que um professor pode conseguir, principalmente quando se trata de classes muito numerosas.

As atividades para desenvolver o poder do leitor implicam um tipo de leitura que promova um crescimento maior nos hábitos de interpretação inteligente.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

O trabalho nestes dois meses deve correr muito semelhante ao do último trimestre do 1.º ano.

A — Teste de leitura oral:

a) mandar ler um trecho à primeira vista. Registrar os resultados;

b) mandar ler um trecho com estudo prévio independente do professor. Registrar os resultados.

B — Teste de leitura silenciosa:

Mandar ler uma história curta e fácil para responder com sinais ou poucas palavras, às perguntas feitas no quadro.

C — Leitura no livro adotado (do 1.º ano) para desenvolver a capacidade de perceber grupos maiores de palavras;

a) destacar da lição frases e palavras; fazer exercícios de leitura no quadro;

b) destacar da lição palavras e frases, escrevê-las em fichas e fazer exercícios de exposição rápida;

c) ler para a classe uma história do livro adotado. Mandar cada criança ler um trecho. Evitar as ordens "adiante", "bastante", o que mecaniza muito, mas indicar o trecho pelo conteúdo, assim "— Fulano, leia o trecho que nos conta o nome do menino, etc."

D — Leitura silenciosa:

a) mandar ler silenciosamente uma história no livro para responder às perguntas feitas no quadro;

b) escrever de um lado do quadro perguntas numeradas e, do outro, as respostas com numeração desordenada. Mandar as crianças lerem as perguntas e as respostas para escreverem numa folha de papel, o número da pergunta ao lado do número da resposta;

c) leitura silenciosa por prazer, na biblioteca da classe;

d) leitura silenciosa de direções (ordens) para realizar determinados trabalhos. Ex.: direções (ordens) para colorir, para desenhar, cortar e colar, etc.

E — Exercícios diários com cartões relâmpagos contendo palavras ou grupos de palavras.

Cartões relâmpagos são fichas com palavras ou grupos de palavras. Têm esse nome, porque devem ser apresentados rapidamente às crianças.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Atividades:

A — Atividades para despertar o interesse pelo livro adotado

a) folhear o livro para reconhecer alguma história, pelas gravuras;

b) ler o índice para ver que histórias o livro contém, etc.

B — Atividades para eliminar os maus hábitos em leitura oral.

1.º) *Leitura oral*: — Estudar silenciosamente uma história para:

- a) ler o trecho mais bonito para a classe;
- b) contar o resto da história.

2.º) *Fazer leitura dramatizada* para desenvolver a naturalidade e a expressão. Cada criança lê as palavras de uma determinada personagem, numa história dialogada.

3.º) *Leitura oral* em pequenos grupos.

O professor reúne as crianças em grupos de 4 a 5, de acordo com o seu desenvolvimento. Os grupos trabalham por si mesmos, e, quando necessitam, pedem o auxílio do professor. Cada criança traz consigo uma ficha e marca o que os companheiros revelarem, como:

- a) leu com clareza;
- b) saltou palavras;
- c) trocou palavras;
- d) leu correntemente;
- e) leu com bom timbre de voz;
- f) leu com naturalidade e expressão, etc.

Os pontos dessa ficha variam de acordo com o adiantamento das crianças que compõem o grupo.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor em leitura oral e silenciosa:

4.º) *Leitura oral* para toda a classe.

Uma vez por semana deve reunir-se a classe para a Hora de Leitura. Os melhores leitores participarão do programa, os outros assistir-lhe-ão ao desenvolvimento. A leitura deve ser estudada previamente. Depois de cada leitura discutir:

- a) o trecho, se foi bem escolhido;
- b) a história, se foi de interesse geral;
- a) a leitura, se foi clara, agradável e expressiva;
- d) a pronúncia e a articulação, distintas, etc.

D — *Leitura silenciosa*:

O professor deve apresentar constantemente questões que despertem o interesse das crianças e que, assim, a obriguem a pensar, enquanto lêem. A leitura silenciosa deve ser sempre feita com algum objetivo em vista.

1.º Ler uma história e responder perguntas feitas previamente.

2.º Ler uma história e desenhar cenas do princípio, do meio e do fim.

3.º Ler uma história e dividi-la em suas principais partes.

4.º Ler instruções para realizar um trabalho, como:

- a) colorir gravuras;
- b) compor uma história com fichas desordenadas,
- c) cortar e colar, etc.

Essas atividades devem ser muito freqüentes desse período e, diante, para desenvolver o hábito da leitura independente e interpretação inteligente do que lêem.

E — Atividades para desenvolver rapidamente os hábitos formados no primeiro ano da classe.

Ler silenciosamente por prazer na biblioteca.

F — Exercícios para desenvolver a capacidade de reconhecer rapidamente palavras e grupos de palavras:

- a) exercícios com cartões relâmpagos;
- b) expor ordens para as crianças executarem. Ex.: "Imite a Emília, despedindo-se de D. Carochinha", etc.
- d) decompor palavras difíceis para auxiliar o seu pronto reconhecimento.

Cada criança deve ler pelo menos quatro livros nesse período além do livro adotado.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

A — Testes de leitura oral.

B — Testes de leitura silenciosa. Esses testes devem ser dados da maneira já indicada no primeiro trimestre. Os resultados devem ser comparados para verificar o progresso das crianças.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor:

1 — Para desenvolver o poder de pensar no que lê:

- a) fazer ler silenciosamente uma história;
- b) mandar escolher, entre três respostas, uma adequada à pergunta, sem abrir os livros;

d) ler para localizar um dado ou um fato. Ex.: Verificar em que lição e em que trecho desta há uma explicação sobre a casa do castor, etc.

2 — Para desenvolver a capacidade de reter fatos lidos:

- a) mandar ler uma história;
- b) apresentar perguntas e mandar que respondam com os livros fechados. As outras atividades serão as mesmas dos períodos anteriores.

Manter diariamente a leitura independente de material muito fácil, para desenvolver rapidamente os hábitos formados.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Atividades para desenvolver o poder do leitor:

A — Leitura associada às demais matérias do programa:

- a) dar um tópico e indicar a leitura a ser feita sobre ele;
- b) conservar e discutir os dados colhidos pelas várias crianças.

Seguir as mesmas atividades dos períodos anteriores. Nesse período cada criança deve ler, no mínimo 4 livros.

Resultados — No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- b) lêem oralmente, à primeira vista, por unidade de pensamento, e não palavra por palavra;
- c) fazem perguntas sobre a matéria lida;
- d) discutem inteligentemente o que lêem;
- e) interpretam o material ligado às várias matérias do programa;
- f) mantêm grande interesse pela leitura.

Sugestões para livros a serem lidos nesse ano:

"História de Cristininha" — "História de Joãozinho" — "Os bonecos de Elzinha" — "Tinzinho e os pés rombos" — todos de Carlos Frederico, "Rosa Alice no Palácio Encantado" — "O urso que tinha música na barriga" — "As memórias do Elefante Basílio", todos de E. Verissimo; "Leitura Preparatória", de Francisco Viana; "O livro de Violeta", de João Lúcio; "Histórias de animais", de João Kopke; "Meu livro", de Teodoro de Moraes, "Primeiras leituras", de Maria dos Reis Campos e Alcina de Sousa; "Leitura intermediária", de Erasmo Braga.

COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinquenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quase impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? E' a lei do exercício que vai resolvê-lo. Em primeiro lugar, o que é essencial na composição é o desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino

na correção das formas gramaticais, mas, sim, o treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição, etc. Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-lo, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

E' justamente esse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, fruto da maturidade da criança e da persistência do professor.

O problema das composições traz consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de tôdas, seja uma palavra, ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular seus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura, de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos escolhidos entre os mais graves e os mais frequentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três vezes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos das próprias composições, faz com êles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a composição: originam-se frequentemente dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo que tenham muito que dizer. E não é só isso. E' necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas, dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias de trechos de boa forma devem ser dados com frequência.

✱

O treino da linguagem oral, o enriquecimento da experiência, o contacto com livros ilustrados e a leitura devem ter produzido um grande desenvolvimento na capacidade de a criança pensar e organizar o seu pensamento.

A estrutura da sentença continua simples, mas vai se desenvolvendo, inconscientemente, *pari-passu* com o desenvolvimento das formas mais complexas do pensamento.

Através da correção das composições as crianças devem ir ganhando outras noções de gramática. Vão, por si mesmas, fazendo induções e generalizações até estabelecerem algumas regras.

Atividades:

A — Exercícios para desenvolver a organização de idéias e dar normas às crianças:

1 — exercícios de composição de cartas, em colaboração, com o tratamento da 3.ª pessoa.

2 — exercícios individuais de composição de cartas;

3 — exercícios de colaboração e individuais de composição de avisos e ordens;

4 — exercícios de colaboração e individuais de redação de convites e de agradecimentos, etc.

B — Exercícios de composição para desenvolver boa organização na seqüência cronológica dos fatos:

1 — exercícios de composição sobre as cenas de uma história muda;

2 — exercícios de composição de uma história sobre gravuras de sentido completo.

C — Exercícios para desenvolver a organização de idéias, clareza e imaginação:

1 — composição de história à vista de gravuras de sentido incompleto;

2 — composição de histórias com duas, três, quatro, cinco e seis palavras dadas;

3 — composição de cartas enigmáticas.

D — Exercícios para desenvolver a capacidade de organização de idéias e a clareza da exposição:

1 — exercícios de responder a perguntas ligadas às várias matérias do programa;

2 — mandar ler um trecho;

3 — mandar responder a perguntas feitas sobre o que foi lido.

A princípio as perguntas devem implicar a citação de um fato, depois dois, três, até seis fatos.

E — Exercícios de verificação das noções e formas gramaticais adquiridas através das composições.

F — Atividades para medir o desenvolvimento das composições:

a) dar o objetivo da atividade para a classe;

b) ler uma história curta;

c) mandar escrever a história;

d) registrar os resultados.

NOTA: — Essa atividade deve ser repetida cada três meses.

No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a forma de cartas, recados, convites, etc.;

b) redigem convites, recados e cartas;

c) respondem por escrito a perguntas previamente feitas sobre a leitura, implicando organização até 5 fatos distintos;

d) têm um grande interesse pelo trabalho criador;

e) escrevem ou reproduzem uma história com boa seqüência;

f) revelam um bom desenvolvimento na estrutura das sentenças.

ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais frequentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação deficiente. As trocas de letras, tão frequentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de todas as matérias do programa, deve ter meios certos de *contrôle*. Enquanto não se dispõe de outros recursos, o livro de leitura adotado na classe pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem de uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, às palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavras para cada ano devem ser:

- 1.º) frequência nos exercícios escritos;
- 2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentuadamente artístico.



No segundo ano, o treino de ortografia é muito semelhante ao do segundo semestre do primeiro ano.

Na seleção de palavras, o professor pode orientar-se pelo livro de leitura adotado na classe, completando-o com as palavras erradas dos exercícios escritos e com outras sugeridas pelas outras matérias como, pela Geografia, História do Brasil, Ciências, etc.

Atividades:

A — Os mesmos exercícios do último semestre do primeiro ano.

B — Exercícios de marcação de sílabas. Marcar mais fortemente a sílaba acentuada.

C — Exercícios de divisão de sílabas.

No fim do segundo ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a ortografia gramatical dos verbos nos tempos presente e imperfeito do subjuntivo;

b) conhecem a ortografia de palavras mais comuns no seu vocabulário, aprendidas através da percepção visual, isto é, palavras que aprendem a escrever prestando atenção na forma, como: homem, descida, etc.;

c) conhecem a acentuação das palavras paroxítonas;

d) dividem as palavras aprendidas por percepção visual e com letras geminadas;

e) dividem palavras com ditongos e tritongos.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavras para cada ano devem ser:

- 1.º) frequência nos exercícios escritos;
- 2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentuadamente artístico.

3 — escrevem corretamente palavras desconexas, ditadas de acordo com a família ou com os sufixos e prefixos das palavras;

4 — possuem recursos para escrever corretamente palavras desconhecidas, transmitidas num texto de sua compreensão;

5 — conhecem algumas regras obtidas por indução;

6 — distinguem palavras pelas sílabas e pela acentuação;

7 — sabem dividir palavras em sílabas.

E S C R I T A

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem definidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida exige, nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez e legibilidade*.

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, as condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pegar a caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se ele não se faz contínua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem de frente da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para a frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da criança fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser de molde a permitir que o braço direito descanse naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança, ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30° mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim paralela à diagonal traçada do canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3.º e 4.º dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontar para segurá-los. Devem ser mantidos entre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aquele.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como todas as atividades, deve ser controlada, sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1) espaçamento das palavras;
- 2) espaçamento das linhas;
- 3) inclinação da escrita;
- 4) forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5) regularidade das letras e da inclinação;
- 6) ausência de floreios.

A qualidade mede-se, também, pela *disposição geral*:

- 1) margem;
- 2) centragem de títulos;
- 3) aberturas de parágrafos.

Pela limpeza

- 1) Rasuras;
- 2) borrões;
- 3) cuidado geral.

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O quociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiência das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode

lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios para corrigi-los e registrando os seus progressos.

*

Aritmética e Geometria

Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário

A Aritmética, se ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Aritmética, sem atender a necessidades reais e sem corresponder a situações que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria este fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. No entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação, pouco duraram, dêles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo dispendidos inutilmente. E' costume dar aos alunos, por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descurando-se daqueles casos real e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "cit/100" e, contudo, duvidará diante de uma caderneta de Caixa Econômica, para calcular os juros de um semestre. Saber resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19, etc., e talvez se visse embaraçado se lhe dissessem: "Volte daqui a três quartos de hora". Hábeis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente, o preço de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal, isto é, aplicar a *Aritmética aprendida na escola* aos problemas corriqueiros de todo dia. E' que entre a Aritmética da escola e a Aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conhecimentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aqueles que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhe são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com

algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco, vinte e cinco, etc., mas aceitará, satisfeita, a troca de um níquel de \$400 ou de uma pratinha de \$500 por alguns níqueis de tostão, atraída pelo número de tostões, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos está reservada a parte mais delicada do programa. Cumpre-lhe oferecer aos alunos situações *oportunas, atuais*, em que os números entrem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Encontram-se facilmente alunos que sabem a técnica das operações, porque se habituaram a fazê-las. Não tão facilmente se encontram aqueles que sabem “quando” e “como” devem aplicar as operações, porque não lhes foi desenvolvida a capacidade para *compreender e interpretar* as diferentes situações, e nem a habilidade para empregar, selecionando, os seus recursos aritméticos.

Todo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projetos ou atividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos. Ex.: Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos, etc.) chegar à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, presos com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegariam para uma parede, 2 metros e meio para a outra. Escolhida a fazenda, deci diram por uma de 18600 o metro.

Quanto gastariam, então? Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

4 metros, a 18600	68400
1/4 do metro	3400
4 metros e 1/4	68800
2 metros	38200
1/2 metro	8800
2 metros 1/2	45000

68800

48000

108800

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elaborarão oportunamente

Será fácil, depois desses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,25 por 18600. E de 2,50 por 18600. Ou de 6,75 por 18600. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado “68800” e não o resultado “6808000”; “48000” e não 4008000.

4,25	4,25	
1600	1600	
2550	2550	
425	425	
680000	680000	etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à solução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas, o interesse despertado pelo problema, que foi realmente “um problema da classe” e que fez, por isso mesmo, um apelo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de boa vontade, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, *fáceis*. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Somente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor é que a êle se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realçado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir o instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais, seriados, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *compreender*, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão, isto é, depois de *compreender* que 5 mais 7 são 12, que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc., por que não associar rapidamente esses resultados à indicação das operações, chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Tôda dificuldade será, pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerra e feita a verificação por meios *objetivos*, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), *que decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a racionar, que promovam associações úteis.*

Os problemas trazem *vida* ao trabalho, quando bem aproveitados, além de fornecerem *motivos* para o estudo. Dão *finalidade* às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as mais ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para *desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo*). Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horário. Problemas sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (porcentagem de alunos frequentes em cada classe, na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da Biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da Biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio, importação e exportação, população, anúncios, etc." Em certa escola primária, por iniciativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma cozinha para os pobres, na cidade Ozanan. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos, e terminaram com um festival que satisfizes plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Jamais a Aritmética fôra tão vivida pelos alunos nessa escola. Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de tôdas as classes, quando faltava para os 3:5008000 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o capital mais rapidamente. Movimento de pequenas rifas de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasias para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios no mesmo, impressão de ingresso, etc., etc., levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelavam aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias, como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral.

Os mesmos problemas, imaginados, não teriam despertado tanto interesse e nem provocado igual curiosidade intelectual. Contudo, os *problemas atuais não poderão ser exclusivos no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogos, etc., etc.*

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento, da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade do auxílio da Aritmética e apreciar sua técnica na solução dos problemas. E, assim, a aprendizagem se tornara mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: — Tôdas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é a de desenvolver no aluno motivos fortes para a ação que eleva, para a ação que dignifica. A Aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos supérfluos, etc.), etc. etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que os prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do Município, do Estado, do País; os impostos, seu emprêgo); previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc.); etc., etc. Assim as questões presas à economia política e à ciência das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições, natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da Aritmética, deve ser vivo, prende-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição de corpo, linhas, ângulos etc., corresponderia a partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, percebe o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados, os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as cousas e suas formas; e compreender como as formas das cousas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de "medida de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encaudamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho:
 - a) considerando as experiências como base;
 - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais.
- 2 — Atender às diferenças na classe:
 - a) questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
 - b) trabalho qualitativo e quantitativamente dosado.
- 3 — Exigir sempre exatidão nos cálculos (uma questão esta certa ou errada).
- 4 — Garantir um controle automático nos fatos fundamentais das quatro operações.
- 5 — Habituá-lo aluno a verificar seu próprio trabalho.
- 6 — Levar o aluno a colaborar na elaboração de regras e princípios.
- 7 — Verificar, periodicamente, o progresso dos alunos, tornando-os interessados pelos resultados.
- 8 — Desenvolver o cálculo mental.
- 9 — Desenvolver a capacidade para aplicar os conhecimentos.
- 10 — Desenvolver a capacidade para raciocinar e o hábito de raciocinar.



FEVEREIRO E MARÇO

Revisão: — Aplicar, em problemas e outros exercícios, a matéria estudada no primeiro ano.

Contar até 100 por 1, 5 e 10 (Substituir a contagem objetiva do primeiro ano pela contagem simbólica).

Contar em série, indo além de 100.

Aplicação da numeração ordinal até décimo.

Exercícios orais e escritos com os fatos fundamentais da soma e da subtração, sob a forma de problemas.

Exercícios de cálculo mental, limitando o resultado a 18.

Somas de três números simples (revisão dos fatos fundamentais).

Somas de números compostos de dois algarismos.

Subtração de números compostos de dois algarismos.

Exercícios, em problemas orais, com a moeda, até dois mil réis ou um pouco mais, se a classe permitir.

Problemas usando: — metro, meio metro; litro, meio litro, quilo, meio quilo; dúzia, meia dúzia; melade, dobro.

Montar a "loja escolar".

(A loja não tem uma finalidade financeira. Como entre outros valores sociais está o uso mais fácil da moeda, é aconselhado manter a loja durante todo o segundo ano. Para aumentar o seu movimento e dar mais oportunidades à resolução de problemas, a "loja" poderá atender a outras classes, havendo, neste caso, um horário especial para efetuar as vendas).

ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar até 300 ou mais.

Contar de 2 em 2 (1, 3, 5, 7, 9, etc.).

Introduzir a expressão "um quarto" nos problemas.

(No primeiro ano, tornaram-se os alunos familiarizados com a expressão "metade", resultante da divisão do objeto ou grupo de objetos em duas partes iguais. É o passo inicial para compreender a fração.

A representação simbólica " $1/2$ " não será necessária nem aos primeiros anos e nem ao segundo. Assim também a representação " $1/4$ ". Mas, no terceiro ano, quando a forma gráfica será então associada à experiência que representa.

"Compreensão — notação — aplicação" — são três passos definidos no ensino das frações. No primeiro passo — compreensão — a fração será apresentada em situações reais, isto é, em situações em que ela é comumente usada. Ganha assim a idéia de fração, objetivamente, os alunos terão mais facilidade para aplicá-la).

Exercícios de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Números romanos até XII.

Aplicação da numeração ordinal até vigésimo.

Somas de dois números (um composto de dois algarismos e outro simples).

Ex.: $13 + 5$; $24 + 3$; $12 + 4$; etc.

Limitar os exercícios àqueles casos em que o total não ultrapassa a década em que está o adendo maior. Não entrarão, assim, casos como estes: $17 + 8$; $19 + 4$; $27 + 3$; etc.).

Somas de números compostos. Introduzir a reserva (Limitar os resultados parciais a 18).

Subtração de números compostos (todos os algarismos do minuendo devem ser maiores que os seus correspondentes no subtraendo).

Formar, nos alunos, o hábito da verificação. Verificar a soma pela própria soma, feita em sentido inverso. A subtração, pela soma.

Introduzir a multiplicação (como um novo vocábulo para a soma de parcelas iguais). Continuar o trabalho iniciado no primeiro ano, contando de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10.

Multiplicação de dois números simples, sendo um deles 2, 5 ou 3.

Dar os fatos fundamentais da multiplicação (multiplicação de dois números simples) e as inversões. Ex.:

8	2	5	3	7	2	etc.
2	8	3	5	2	7	

São aconselhadas fichas de cartolina (ou outro material, de forma retangular), que tragam de um lado o fato fundamental, e do outro lado, o fato fundamental seguido de seu resultado.

8 4 —		8 4 — 32
-------------	--	-------------------

Divisões correspondentes às multiplicações de dois números simples (fatos fundamentais da divisão).

Dos exemplos acima, são correspondentes:

$16 \div 2$; $16 \div 8$; $15 \div 3$; $15 \div 5$; $14 \div 2$; $34 \div 7$ ou

$16 | 2$, $16 | 8$, etc.

(A princípio, dar, ao mesmo tempo, a multiplicação e a divisão correspondente, para que as crianças verifiquem que o quociente é sempre um dos fatores).

Conhecer a moeda até dez mil réis.

Exercícios, em problemas, com as medidas aprendidas.

Triângulos e quadriláteros. (Reconhecimento e aplicação das formas geométricas: círculo, triângulo, quadrilátero).

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Ler e escrever números até 500 ou mais.

Contar de 2 em 2, começando de qualquer número (31, 33, 35, etc.; 28, 30, 32, etc.; 39, 41, 43, etc.).

Números pares e ímpares.

Subtração de números de dois ou três algarismos (casos em que um algarismo no minuendo seja menor que o seu correspondente no subtraendo).

Ex.:	392	427
	169	283

Exercícios com os cem fatos fundamentais da soma e da subtração para rapidez. Outros exercícios de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Colunas de soma, com três números simples. (Usar todos os fatos fundamentais. E, de modo especial, os menos fáceis, como $8 + 9$, $6 + 7$, $5 + 9$, $8 + 7$, $7 + 9$, etc.).

Ex.:	7	2	4	5
	2	3	4	3
	7	9	9	7

Revisão dos fatos fundamentais da multiplicação, já estudados. Introduzir outros fatos fundamentais em que um dos fatores seja 4, 6, 7, 8, 9. (Dar as duas formas simultaneamente).

Ex.:	6	4	8	6	9	7	etc.
	4	6	6	8	7	9	

Divisões correspondentes (fatos fundamentais da divisão).

Ex.: $24 \div 6$ e $24 \div 4$ são fatos fundamentais da divisão que correspondem aos seguintes fatos fundamentais da multiplicação:

6×4 e 4×6 . $48 \div 6$ e $48 \div 8$ correspondem às multiplicações 6×8 e 8×6 .

(São aconselhadas fichas para o estudo dos fatos fundamentais da divisão).

$$\left| \begin{array}{r} 24/6 \\ \hline \end{array} \right| \quad \left| \begin{array}{r} 24/6 \\ \hline 4 \end{array} \right|$$

Conhecer a moeda até 50\$000. Dar, sem escrever a operação o trôco de qualquer importância sobre cinco mil réis.

Multipliação de um número composto de dois ou três algarismos por um número simples. A princípio, com produtos parciais simples. Depois, composto.

Ex.:	324	121	
	2	4	
	316	721	
	3	8	

Conhecer, no relógio, as horas e minutos.

Exercícios de cálculo mental, aplicando: metade, dobro, um quarto.

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas.

Aprender a ler o calendário: — dia, semana, mês, ano.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Ler e escrever números até mil ou mais.

Contar de 2 em 2, de 10 em 10, começando de qualquer número (13, 23, 33, etc., 7, 17, 27, 37, etc.).

Algarismos romanos até XX.

Soma de dois, três e quatro números (de dois ou três algarismos), levando uma, duas ou três reservas (resultados parciais das colunas, separadamente, até 18).

Exercícios e problemas em que entre a subtração de números de dois e três algarismos. (Não incluir zeros no minuendo quando o correspondente, no subtraendo, não for zero).

Somas de números simples, para exercícios de rapidez.

Fatos fundamentais da divisão, inexatos.

Ex.: $14 \div 3$; $17 \div 5$, etc.

Multipliação de um número composto por um simples, incluindo zero no multiplicando.

Ex.:	205	308	607
	3	5	4

Exercícios, em problemas, com metade, um quarto e dobro.

Conhecer a moeda até cinqüenta mil réis.

Conhecer, no relógio, as horas e os minutos.

* * *

No fim do 2.º ano os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento.

1 — resolvem pequenos problemas de uma ou mais operações e aplicam a matéria estudada;

2 — fazem qualquer trôco (sem escrever) até cinco mil réis;

3 — sabem olhar as horas no relógio;

4 — reconhecem a moeda até cinqüenta mil réis;

5 — respondem aos fatos fundamentais da soma e da subtração, rapidamente;

6 — contam de 2 em 2, de 5 em 5 e de 10 em 10, começando de qualquer número;

7 — lêem e escrevem números até mil.

8 — conhecem os fatos fundamentais da multiplicação e da divisão;

9 — têm ampliado o vocabulário aritmético e sabem usá-lo.

10 — reconhecem o círculo e o quadrilátero. Aplicam estas formas em seus trabalhos.

Geografia e História

CAPITULO I

Pontos a considerar no ensino da geografia

O ensino da Geografia na Escola Primária não tem como objetivo dar à criança o conhecimento de toda a matéria, o que não convém por dois motivos:

a) a matéria é vastíssima;

b) é mutável em seus fatos e localizações.

Assim sendo, o objetivo da Escola Primária ao ensinar Geografia à criança é torná-la um indivíduo capaz de, permanentemente compreender os fatos e relações geográficas, acompanhando-os em

suas mutações e importância para a vida do homem. Em resumo, tornar cada aluno capaz de aprender inteligentemente os fatores geográficos, compreendendo-os em sua relação com a vida humana.

Este objetivo não foi e nunca será alcançado se nós nos preocuparmos apenas em *transmitir* conhecimentos geográficos.

Poderemos alcançá-lo, no entanto, se visarmos o desenvolvimento do espírito da criança, dotando-o de qualidades necessárias à compreensão geográfica.

Tais são:

A — Atitude geográfica.

B — Pensamento.

C — Capacidade de utilizar os instrumentos de estudo da matéria.

A — *Atitude geográfica*: — o estudo dos fatos e localizações geográficas não é simplesmente explicativo. Tais fatos e localizações devem ser estudados pela relação que têm com a vida do homem, favorecendo ou dificultando sua atividade e, em qualquer caso, obrigando-o a pensar para melhor adaptação. Todos os grupos de homens constituídos em sociedades experimentam, em sua vida econômica, política, social e espiritual, efeitos do ambiente em que vivem. Os fatos geográficos, quando isolados da vida humana, carecem de importância vital. Ao passo que, estudados em relação a determinado grupo de homens, em sua ação favorável ou desfavorável, controladora de atividades, estimuladora do pensamento, os fatos geográficos assumem máxima valia para compreensão do homem em seu caráter, seus problemas e dificuldades, desenvolvimento e ação.

EX.: — *Chuva* — A chuva é da experiência infantil.

Em geografia, a criança vai aprender a ver a chuva, não como um fato em si mesmo, mas sim, nos diversos aspectos de suas conseqüências para a vida: abundância, escassês, falta absoluta, fertilização do solo, necessidade para vegetais e animais, culturas, trabalho do homem para remediar sua falta, conseqüências financeiras, conseqüências na conduta social, enchentes, higiene, etc.

Assim, pode e deve ser estudada a chuva desde as primeiras aulas de Geografia, com observação no ambiente local. O estudo analítico do fenômeno, muito mais elevado e difícil, compete ao campo científico-natural, nos anos posteriores.

Ver os fatores geográficos sob esse prisma de *relação* com a vida humana é o que chamamos de *atitude geográfica*, atitude que a Escola Primária deve formar na criança.

B — *Pensamento geográfico*: — Este está diretamente ligado à atitude. Em sua educação e desenvolvimento visamos tornar a criança capaz de *descobrir, localizar e interpretar* relações geográficas.

E' o pensamento que a levará a meditar sobre a vida dos homens nas diferentes regiões do globo:

Onde vivem ?

Como vivem ?

Por que vivem assim ?

Não se vai pedir à criança a interpretação de tôdas as relações geográficas; há muitas dificilmente perceptíveis. Outras, no entanto, pela sua influência em situações concretas da vida da criança e da comunidade, podem ser facilmente fixadas para interpretação e julgamento.

Por exemplo: — Diferença de preços entre produtos alimentícios próprios ou não da região: o peixe do mar, a banana brasileira e a maçã estrangeira.

Por ela preparamos o pensamento da criança para interpretação de relações mais complexas e menos concretas.

E por isso a formação do pensamento geográfico é básica; deve constituir nossa preocupação desde a primeira aula de Geografia, pois vai influir sobre todo o curso.

G — *Utilização dos instrumentos de estudo*: — as realidades geográficas não podem ser diretamente observadas pela criança, exceto em casos de Geografia local. Uma professora não pode viajar, com sua classe, por tôdas as regiões que deve estudar.

Essa regiões chegam até nós através de documentos de pessoas que as vivem.

Esses documentos constituirão, pois, instrumentos para o estudo da Geografia. São êles, principalmente:

1 — Textos.

2 — Mapas e plantas.

3 — Gráficos.

4 — Fotografias, gravuras, etc.

Quanto maior habilidade tiver o indivíduo em utilizar-se desses instrumentos mais apto está para colher dados de raciocínio e julgamento sobre regiões geográficas distantes.

*

Vemos, pelo que ficou exposto, que a Geografia não é, absolutamente matéria de decoração pura; é, antes, de raciocínio e aquisição de hábitos, habilidades e atitude.

Exemplos: — O hábito de consultar o mapa; habilidade em interpretar uma legenda; utilização do raciocínio em julgar da importância de uma estrada de ferro para a vida de uma região, atitude de justa compreensão para com as possibilidades brasileiras.

O desenvolvimento da criança na matéria deve, pois, ser medido, não só pelos conhecimentos que possui, mas também pelo desenvolvimento do raciocínio, hábitos e habilidades que adquiriu.

Seqüência

Assim, considerada, a matéria deve ser levada ao conhecimento da criança, coordenada de tal modo que conhecimentos, habilidades e hábitos anteriores preparem o espírito para a etapa seguinte. A falta de uma etapa vem, muitas vezes, prejudicar o resultado, como aconteceria se, em matemática, fôssemos ensinar a divisão a uma criança que não estivesse a par das operações de subtração.

Por isso, um programa completo de Geografia deve conter os seguintes aspectos: (*)

- A — Geografia local.
- B — Visão geográfica.
- D — Geografia universal.

Inicia-se pela Geografia local, mais inteligível para o aluno considerando-se que:

1.º — A atitude de sentir os fatores geográficos em relação à vida humana só pode ser formada pela observação de fatos da vida da criança, da família e da comunidade onde ela vive.

2.º — O pensamento geográfico em sua base tem que jogar com dados concretos, observáveis pela criança, visto que ela ainda não é capaz de abstrações.

3.º — Os instrumentos de estudo de Geografia são símbolos dos quais é necessário que a criança aprenda a significação. Esta significação só será apreendida quando, de início, a própria criança faz ou acompanha a transposição da realidade para o simbolismo. (Quando, por exemplo, ela própria representa uma rua muito conhecida por duas linhas traçadas no papel).

Geografia local

É o estudo do ambiente natural em relação à vida da criança e da comunidade. Vista, não apenas a dar conhecimentos, mas principalmente ao início da formação do pensamento, atitude, hábitos e habilidades.

É maravilhoso notar que, onde quer que esteja situada a escola, encontram-se no ambiente os mesmos elementos que condicionam a vida do homem nas mais diversas regiões do globo.

(*) — Branom — *The Teaching of Geography*.

(Água — Solo — Clima — Vegetação — Rios — Vias de Comunicação — Animais — Povos Vizinhos, etc.).

O estudo desses elementos em relação ao comércio, agricultura, indústria e outros aspectos da vida local — vem habilitar o aluno a compreender, mais tarde, a vida em todos os pontos do universo.

Essas relações, às vezes, são tão simples, que não no lembramos de levar a criança a salientá-las, esquecidas de que cousas, assim concreta, são indispensáveis para as primeiras generalizações e interpretações infantis.

Exemplo: — a cidade X no Estado, não sendo, absolutamente, uma cidade industrial, mantém uma pequena fábrica de vinhos. Por quê? Nesse porque é que está a essência do ensinamento geográfico.

A relação entre o cultivo da uva e a altitude elevada, qualidade especial do terreno, etc., da cidade X orientará o pensamento infantil, tanto mais se se fizer uma comparação com cidades vizinhas, onde não exista a indústria do vinho, a menos que a matéria prima seja importada, o que já constitui nova relação geográfica digna de interpretação.

O maior valor da Geografia local está justamente na formação dessa base necessária ao bom desenvolvimento do espírito da criança.

Toda cidade, por pequenina que seja, tem assim pontos de sua vida social e comercial unidos ao meio em relação facilmente observável pela criança. Numa, é o plantio do arroz ou do feijão; noutra, uma indústria de laticínios; noutra, ainda, a abundância de determinadas frutas, etc.

Visão geográfica

Traduzimos por "Visão geográfica" um trabalho interessante aconselhado por Branom e que vem favorecer o desenvolvimento gradual do espírito infantil no espaço, tomando elementos que estejam dentro de seu interesse e compreensão.

Por ela alimentamos a curiosidade infantil dando mais interesse à matéria; introduzimos o hábito e elementos de comparação; fixamos a idéia de relação entre o homem e o meio.

Um exemplo: a criança do sul do Estado, ao estudar sua localidade, fica sabendo donde lhe vêm as frutas, os legumes, o leite, etc., que servem à sua alimentação. Mas... o chocolate? Eis aí uma oportunidade. Contando à criança alguma coisa da cultura do cacau e das regiões em que ele vive, sem preocupações com sua localização exata, dar-lhe-emos idéia da existência de outros homens, com vida um pouco diferente da nossa, vida condicionada a um ambiente também diferente do nosso.

Muitos trabalhos de visão geográfica podem ser feitos durante o estudo da Geografia regional. A maçã pode constituir outro tema interessante para esse trabalho.

Donde vem? Por que é tão mais cara do que a nossa laranja e a nossa banana?

Por que não a plantamos também? (referência à cidade de Maria da Fé poderíamos produzi-la em larga escala? Por quê?)

Esse trabalho não pressupõe o conhecimento detalhado de nenhuma região, mas visa apenas a dar à criança a idéia da vastidão do mundo com a diversidade de seus ambientes naturais e da vida de seus habitantes.

A pecuária, tão desenvolvida a Oeste, será assunto de *visão geográfica* em muitas escolas do Estado, ao passo que a cultura da mamona interessará, do mesmo modo, a outras escolas.

Não só em questão de alimentação, mas também em objetos familiares à criança, encontramos assuntos interessantes: vestimenta, brinquedos, objetos escolares, etc.

Assuntos de visão geográfica não constarão de nosso programa. Devem vir incidentalmente, de acordo com o interesse e oportunidades diversas reveladas em classe.

Geografia regional

O trabalho anterior prepara a criança para a Geografia regional que é o estudo detalhado e aprofundado de uma região geográfica. Deve começar, naturalmente, pelo Estado de Minas e, dentro deste, pela região onde está situada a escola. Os aspectos mais importantes da vida social, econômica e política do Estado devem ser compreendidos pela criança em sua relação com a localização, clima, solo, vegetação, etc.

A Geografia regional continua no 4.º ano, com o estudo do Brasil em seus Estados e regiões mais importantes e interessante, e influência que exercem na vida do País.

O Brasil como unidade geográfica e política é compreendido em suas possibilidades, problemas e dificuldades — intercâmbios e ligações estreitas entre os Estados.

Geografia universal

Finalmente estudar-se-á o mundo como um todo. Estudam-se os países mais interessantes pela importância, relações amigáveis, políticas e comerciais que mantêm com o Brasil. Deve ser firmada na criança a atitude simpática para com os povos estrangeiros, pela compreensão de seus problemas e dificuldades.

Definir o papel do Brasil no mundo e do indivíduo no Brasil.

A seqüência das regiões a serem estudadas, quer no Estado, no País ou no mundo, faz-se de acordo com a sua importância e interesse da classe. Faz-se ainda aproximando-se as regiões semelhantes ou contrastantes.

Assim, compreendido o grande desenvolvimento de uma região fertilíssima, mais de pronto sentirá a criança os problemas e dificuldades de outra em que faltem elementos naturais, que fazem o valor da primeira.

E' assim que, a cada estudo terminado, mais apto se acha o aluno a dominar a matéria.

CAPITULO II

Métodos e processos

Desde que o ensino vise ao desenvolvimento do espirito infantil deve abolir completamente a decoração de pontos feitos pela professora ou extraídos de compêndios. Esses serão substituídos por diversas fontes de informação, organizadas pela professora em colaboração com a própria classe e acompanhando o desenrolar do estudo.

Ex.: livros, revistas, jornais, fotografias e gravuras, mapas e plantas, (depois de feito o trabalho inicial de interpretação) informações de pessoas, relatórios de excursões, prospectos de propaganda, gráficos, palestras da professora e de alunos, pequenos museus, etc.

A fixação na memória da criança de dados básicos para raciocínio e julgamento, será auxiliada com notas tomadas por ela própria. Cada aluno terá, portanto, o seu caderno de notas de Geografia, onde serão escritos resumos de aulas e consultas diversas, relações numéricas, listas de nomes, soluções de problemas e dificuldades, etc. etc.

A apresentação da matéria pode ser feita por meio de projetos, problemas, centros de interesse e outros processos comumente utilizados em nossas escolas.

Convém notar, no entanto, a excelência da aplicação do problema no desenvolvimento do raciocínio geográfico. O *porque* explícito ou implícito em todo problema mostra sempre, no problema geográfico, a relação entre o homem e o meio, o que constitui a própria essência da Geografia.

O problema pode existir por si só ou aparecer dentro de um projeto, centro de interesse ou qualquer aspecto do trabalho.

Exemplos de problemas geográficos:

- 1.º — por que nossa cidade (B. Horizonte), tão mais nova do que Sabará tem maior desenvolvimento? (G. local);
- 2.º — por que o E. de Minas, tanto ou mais rico que o E. de S.

Paulo, tem menos comércio que este. (G. regional);

3.º) — por que os E. U. da A. do N. tornaram-se um país de grande desenvolvimento agrícola? (G. universal).

Convém atentar que o problema é problema em relação ao indivíduo, isto é, é problema quando estabelece no espírito um estado de dúvida que leva o indivíduo a pesquisar, raciocinar e chegar a conclusões. E' por isso que o problema deve ser estabelecido no início e não no fim de qualquer estudo. Estabelecido no final do trabalho, êle pode tornar-se em simples pergunta cuja resposta a criança encontrará elaborada, bastando consultar sua memória ou seu caderno de notas.

O problema pode partir da criança ou ser sugerido pela professora. Num e noutro caso, porém, compete à professora, se necessário, formulá-lo em termos claros e precisos, bem defini-los em seu objetivo e assim mantê-lo à frente da classe até que sua solução seja encontrada.

Há problemas que ficam resolvidos em uma aula; outros, em uma semana; outros, em 15 dias; outros há, ainda, que ocupam a classe durante mais tempo: são problemas grandes, inclusivos e que muitas vezes devem ser subdivididos em pequenos problemas, tendentes, todos êles, a armarem o aluno de soluções parciais que o habilitarão a resolver o *grande problema*.

Esses, sem dúvida, exigirão treino da classe, treino que só pode ser adquirido na resolução de problemas anteriores, mais fáceis e menos amplos.

O ponto capital na aplicação de problemas e que valoriza todo o método é a atividade mental da criança.

E podemos focalizar no seguinte ponto a sua maior dificuldade: — orientação do raciocínio pela professora.

Para o adulto, é mais fácil estudar, pensar sozinho, tirar conclusões e, depois, transmiti-las a 30 ou 40 cabeças simplesmente receptoras, do que despertar nelas interesse e atividade, colocar ao seu alcance material informativo acessível e valioso e, ainda, guiar, pouco a pouco, o raciocínio mal treinado dos 8 ou 10 anos até uma conclusão satisfatória dentro do gosto da criança e satisfatória dentro da verdade.

Mas que diferença de resultado! Num caso os alunos ganharam (?) conhecimentos mortos, prontos a se lhes varrerem da memória. No outro, os fatos foram aprendidos como indispensáveis à resolução do problema vivo e interessante. Adquiriram hábitos de raciocínio, de estudo, interpretação, observação, familiarizaram-se com livros, mapas e gráficos, gravuras e retratos.

Fixemos, portanto, um ponto, a *solução do problema deve ser encontrada pela criança* e não recebida diretamente da professora.

O trabalho desta será mais sutil e, sem dúvida, mais valioso: velar pela seleção e complemento das fontes de informação que a criança consultará; dar um ou outro conhecimento necessário e que não possa ser encontrado diretamente pelo aluno; por meio de palestras e ilustrações corrigir erros de raciocínio, zelando para que o pensamento da criança não se desvie; estar alerta para que o interesse se mantenha; fixar os problemas e sua solução, uma vez que esta seja encontrada pela classe.

A aplicação do método problema em Geografia é fácil. Não há dúvida que a professora pode melhorar, com sua prática e estudo, sua técnica de aplicação: selecionando melhor os problemas, formulando-os de modo mais claro e interessante, orientando o raciocínio da criança, colocando-lhe em mãos fontes de informações suficientes e inteligíveis, etc.

No entanto, o método de problema em Geografia dará sempre resultados mais apreciáveis do que métodos tradicionais e passivos desde que seja orientado por professora criteriosa, embora não muito conhecedora de sua teoria.

Queremos dizer, com isso, que todas as professoras podem e devem iniciar a aplicação de alguns problemas geográficos, sem esperar que tenhamos larga literatura sobre o assunto.

Alguns problemas bem escolhidos e orientados concorrem para estimular o interesse, unificar a matéria, estabelecer relações com outras matérias do Programa, dar significação a hábitos e habilidades, treinar o raciocínio, fixar fatores e fatos geográficos, etc.

Basta a atitude de reunir ao trabalho, que era inteiramente da professora, a atividade mental e manual da criança para alcançarmos resultado mais satisfatório e perdurável.

CAPITULO III

Iniciação na interpretação do mapa

Como vimos, a interpretação de mapas e plantas bem como o hábito de sua utilização constituem objeto imediato no ensino da Geografia.

Esse trabalho deve começar a ser feito no 2.º ano primário pelos seguintes motivos:

- a) o estudo da Geografia local oferece grandes oportunidades para a transposição imediata da realidade para o símbolo.
- b) o trabalho do 3.º e do 4.º já vai exigir, desde o início, o manuseio constante e inteligente de mapas;
- c) a criança de 2.º ano primário já tem capacidade de observação e experiências suficientes para realização do trabalho com orientação da classe e não da professora de trabalhos manuais.

Nunca devemos permitir que a atenção se desvie da *representação de realidades geográficas*, para desenhos, coloração, etc. Aprender, de início, uma planta da cidade, completa e muito bem feita, pela professora, é desviar a significação do trabalho.

A iniciação da criança à interpretação de mapas é, sem dúvida, trabalho delicado, pois pode desviar-se para a exigência da decoração integral da planta da localidade, o que não entra nas cogitações deste Programa. O trabalho de fazer a criança guardar de memória toda a planta local seria não só difícil mas também inútil.

Mapas e plantas não constituem fins em si mesmos, mas sim instrumentos para o estudo da Geografia, e, como instrumentos da criança que deve ficar inteirada de sua significação como representação de coisas reais, de seu valor e do modo de melhor utilizá-los.

Como não é nosso objetivo que a criança traga de memória nenhuma planta, *não devemos* exigir dela:

a) traçado, sem observação anterior imediata e sem orientação da professora;

b) localização de fatos e coisas em plantas mudas;

c) interpretação de plantas sem legenda;

d) localização de minúcias com exigências de precisão;

e) traçado, de memória, de pontos distantes da escola;

f) representação perfeita de realidades difíceis para a criança.

Devemos orientar o trabalho de modo a que possamos pedir à criança:

a) que reconheça a sua escola, sua casa e as de alguns colegas, alguns edifícios dos arredores, desde que tenham sido localizados por ela própria, em classe;

b) que, na planta feita pela sua classe e acompanhada da respectiva legenda e denominação de ruas e praças seja ela capaz de indicar trajetos conhecidos;

c) que, utilizando-se da legenda, seja capaz de ler mapas simples, embora desconhecidos.

São êsses os principais pontos a serem alcançados.

A iniciação da criança na interpretação de plantas pode seguir, mais ou menos, as seguintes etapas, com a colaboração dos alunos (as etapas aqui discriminadas não se referem a aulas; cada etapa poderá tomar uma ou mais aulas conforme a necessidade da classe):

1 — Excursão ao redor da escola. Em papel colocado no chão da sala, traçam-se, em correspondência com a realidade, os trechos das ruas entre as quais está situada a escola. Frente, costas, direita, esquerda.

2 — A professora, em casa ou na escola, cobrirá a lápis forte êsses primeiros traços, tornando-os bem nítidos. Assim nítido, mas sem modificações, voltará à classe para ser continuado o trabalho.

3 — Localização de residências de alunos que fiquem no trecho já traçado. Escolha de sinais diferentes para representação de casas de residências e de outros edifícios.

4 — Excursão aos arredores. Traçado dos trechos das outras ruas que rodeiam a escola. Localização de alguns edifícios e residências de alunos aí compreendidos. Existindo, nesse trecho, alguma praça, jardim etc., o seu traçado será feito depois de muito bem observada a realidade, o que se torna fácil pela proximidade da escola. Não se exigem da criança minúcias de perfeição.

5 — Como da primeira vez, a professora fortalecerá os traços sem desmerecer ou modificar o trabalho. Qualquer modificação corretiva deverá ser feita pela classe, apelando a professora para a observação da criança.

6 — Excursão aos arredores. Traçados de mais alguns trechos de ruas ao redor da escola. Determinação de pontos de referência: jardins, edifícios, praças, monumentos, etc. Casas de alunos e edifícios públicos. Discussão de trajetos da escola à residência de alunos e a edifícios públicos.

7 — A planta cresce para localização de mais alguns edifícios e casas dos arredores. Pode ser passada para um papel maior ou, então, ajudada pela classe, a professora colocará fôlhas de papel ao traçado já feito para a criança sentir a necessidade de "crescimento" da planta.

Nota — No decorrer do trabalho precedente, a professora deve ter levado a criança a ler a parte traçada com a significação dos sinais empregados. (Ex.: as crianças representaram suas casas por rodinhas, os edifícios públicos por quadrados, a praça por um triângulo, etc. E' preciso que as pessoas que não fizeram o trabalho possam compreendê-lo. Daí a necessidade de uma explicação na própria planta. E as crianças escrevem:

O — residências de alunos



— edifícios públicos

-|- — igrejas, etc.

Depois de feito o trabalho, dará a professora o nome técnico: legenda.

8 — Discussão e indicação de vários trajetos: caminhos a pé, de bonde, em automóvel, etc.

9 — Crescimento da planta com mais trechos de ruas vizinhas, com localização de casas, edifícios públicos, igrejas, etc.

10 — Os pontos de referência serão substituídos por nascente, poente, norte, sul, orientada para a realidade a observação da criança.

11 — Faz-se a passagem do plano horizonte (chão) para o vertical (parede ou quadro negro). Notar a localização do norte na parte superior do mapa.

12 — A planta poderá crescer, assim, tendo a escola como centro e traçada pela classe, a critério da professora, tendo como limite os seguintes pontos:

a) não devem ser tomados para serem traçados pela criança trechos demasiadamente difíceis nem tão distantes da escola que não permitam observações diretas.

b) a criança já deve ter-se identificado com a significação da planta, tomando-a como representação de uma realidade e pronta a acompanhar o seu desenvolvimento, embora já não feito por ela mesma.

Atingindo esse ponto, o trabalho poderá ser continuado da seguinte maneira:

13 — Tomando como base o trabalho já feito, a professora continua o traçado, auxiliada pela classe e fazendo a criança compreender o seu crescimento, em primeiro lugar, para a localização de pontos interessantes:

a) para a escola: residências de alunos, de professoras, de pessoas conhecidas da classe, papelerias, livrarias, etc.

b) para o bairro em geral: edifícios importantes, igrejas, linhas de bonde, praças, canais, etc.

Para essa segunda parte, a professora se orientará pela planta oficial da localidade.

Nota — Já não se exige mais que o traçado seja feito pelo aluno.

14 — Assim traçados os arredores da escola, o bairro pode ser colocado sobre a planta oficial da localidade. Deve ser mostrada a localização da escola em relação ao centro da cidade.

15 — Excursão a um ou mais pontos altos para uma vista geral da cidade. Determinação de nascente, poente, norte, sul.

16 — Estudo na planta oficial, com legenda, para reconhecimento de pontos importantes para a cidade em geral: mercado, igreja-matriz, correio, telégrafo, etc. (Para utilização da planta com essa fim, a professora copiará a planta oficial, em decalque e ponto grande, desprezando minúcias, isto é, tudo o que não tenha interesse nem para a escola em particular, nem para a cidade em geral).

Os arredores da cidade podem ser tratados com seus pontos pitorescos e conhecidos: montes, chácaras, bosques, caixas d'água, matadouro, campo de futebol, bairros, etc.

17 — Uma vez conhecida e bem interpretada a planta da cidade, esta pode ser localizada no mapa do município. Para isso, a planta da cidade já conhecida pela criança é, em miniatura (tamanho proporcional) feita pela professora, colocada em um mapa do município. A professora fará a criança tomar parte na sua localização, valendo-se de pontos de referência conhecidos e orientação: norte, sul, leste, oeste.

18 — Localizam-se, então, os pontos interessantes para o município em geral, a saber:

- a) municípios vizinhos
- b) vias de transporte para municípios vizinhos
- c) fonte de água
- d) campos de cultura
- e) fábricas
- f) acidentes geográficos: rios, lagos, montanhas
- g) fazendas de cultura e criação
- h) fonte de energia elétrica, etc.

Finalizando esse trabalho, o mapa já deve ser um instrumento inteligível e familiar à criança.

Nos lugares pequenos, procura-se para localização tudo aquilo que possa interessar à classe e que seja conhecido de todos: um pequeno trilho, uma casa de comércio, a residência da professora, etc.

Uma vez feito esse trabalho inicial, o mapa deve constituir objeto de manuseio constante do aluno (município, Estado, Brasil, mundo).

Ele esclarece situações, põe em evidência relações geográficas, fixa fatores e fatos.

Devemos ter cuidado ao exigir da criança mapas traçados de memória. A princípio, é preferível que o contorno seja decalcado para servir a localizações e estudos diversos. Não exigiremos, também, mapas muito minuciosos nem muito enfeitados, mais demonstrativos de habilidades em desenhos do que de compreensão geográfica. Aos muito bonitos, preferiremos sempre os mais reais. Não é objetivo da escola primária fazer cartógrafos.

No fim do curso primário, é preciso apurar que a criança tenha relativa facilidade para representar, em linhas gerais, o contorno do Estado de Minas e do Brasil com suas divisões, localizações e aspectos geográficos mais interessantes.

Ela deve, no entanto, ter adquirido a habilidade de interpretar qualquer mapa de regiões distantes e mesmo desconhecidas, utilizando-se da legenda.

CAPÍTULO IV

História

O ensino da história tem como objetivo focalizar a relação entre o passado e o presente, mostrando como este é uma consequência da quele e contém em si traços deixados pelas gerações precedentes.

O aprendizado inteligente da história requer raciocínio e requer, ainda, uma capacidade de percepção que a criança não tem, quando entra para a escola.

Essa capacidade de percepção vai formar-se nos primeiros anos da escola primária e da sua formação dependerá a compreensão, o sentimento a serem adquiridos para com os homens e fatos do passado.

E' por isso que o ensino da história não começa com o passado, que pela sua própria natureza escapa à observação infantil, mas começa com o presente num movimento para o passado mais próximo à criança no tempo e no espaço.

Esse método, chamado método regressivo, deve ser usado até que a criança tenha formada a sua concepção de tempo e possa seguir inteligentemente a ordem cronológica indispensável para a boa compreensão dos fatos históricos.

Assim, o 2.º ano pode dedicar-se à história da localidade, iniciando-se, mesmo, pelo passado da própria escola. E' esse o' passado mais próximo e, por isso, mais *inteligível* para a criança.

O 3.º ano estudará a história de Minas, ainda num movimento regressivo do presente para o passado e mesmo sem aprofundar muitos fatos como Tiradentes e Bandeirantes e que só poderão ser perfeitamente compreendidos no 4.º ano onde devem ser respeitados, focalizando-se sua importância na história pátria.

O 4.º ano deve já ter formado sua capacidade de percepção e pode, portanto, seguir o desenrolar dos principais fatos da história pátria dentro de sua ordem cronológica para o devido relevo das relações de causa e efeito.

A relação entre o que *foi* e o que *é* deve ser focalizada a todo momento, pois o movimento do passado para o presente, e vice-versa, constitui o próprio método de estudo de história, um tornando o outro mais compreensível e apreciável.

Não podemos compreender bem o presente sem conhecimento do espírito e ação dos homens que nos precederam. As suas atividades concorreram para que fôssemos o que somos e devem ser assim interpretadas, não apenas no setor político, mas também no campo das ciências, literatura, artes e tudo o que tenha concorrido para o progresso da humanidade.

A par da história política, o conhecimento das descobertas científicas, dos progressos industriais, da vida dos grandes homens da Ciência e da Arte vem dar à criança maior compreensão do mundo atual, apreciação favorável às passadas gerações e maior senso de responsabilidade para com a sociedade e a Pátria.

CAPÍTULO V

Cronologia

O estudo da história no 4.º ano visa dar à criança ideia dos fatos históricos mais importantes, seus antecedentes e consequências. Para isso, é necessário que seja salientada a ordem cronológica.

Isto não quer dizer que devamos exigir do aluno decoraçào profusa de datas, mas sim que ele saiba colocar cada fato em seu período próprio dentro da história pátria para compreensão real de suas causas e efeitos.

Aconselha-se a feitura de um quadro sinótico que fixe as principais datas e períodos históricos.

Iniciado com a data do descobrimento, pode ir-se completando de acôrdo com o progresso da classe no domínio da matéria.

Esse quadro, mantido na sala de aulas, servirá ao aluno para constantes consultas, auxiliando seu raciocínio e fixação, evitando os deploráveis anacronismos tão comuns em nossas escolas.

Os grandes dias da Pátria, com seus grandes vultos e grandes feitos, podem ser levados ao conhecimento da criança pequena, desde que lhe sejam relatados aspectos de acôrdo com seu interesse, gosto e compreensão.

A criança do 1.º ano ouvirá com prazer, no dia ou na véspera da data comemorativa, o relato do descobrimento do Brasil, desde que lhe seja feito em seus aspectos de maior emoção, de mais graça e sentimento patriótico.

Através de poesias, lendas, narrações simples, a criança se prepara para participar das comemorações cívicas, educando-se no sentimento de respeito e admiração para com homens e fatos dignos e no sentimento de dever para com o presente e o passado da Pátria.

Já no 3.º e 4.º anos, muitas dessas comemorações podem servir de ponto central para estudo aprofundado e devidamente localizado no tempo e no espaço, da Geografia e História Pátria.

* * *

Estabelecido e justificado, como ficou, que não devemos iniciar o ensino da Geografia no 1.º ano, este programa inicia o trabalho no 2.º ano com uma recapitulação e fixação de experiências colhidas no ano anterior.

Além da elaboração de todas as disciplinas e atividades para o enriquecimento de experiências da criança, o programa de Ciências Naturais, no 1.º ano, contribui especialmente para esse enriquecimento.

No desenrolar do trabalho a professora terá despertado e atendido à curiosidade da criança pelo meio ambiente, pelos fenômenos naturais, pelos fatos e cousas da vida social.

A maioria desses conhecimentos interessa diretamente à Geografia.

Mesmo que não tenha sido salientado o seu aspecto geográfico, a experiência foi adquirida e será fácil à professora do 2.º ano retomá-la e desenvolvê-la.

Isto significa que, embora não tenhamos programa de Geografia propriamente dita no 1.º, a criança traz para o 2.º ano experiências que servirão de base para todo o trabalho pré-geográfico e iniciação geográfica.

Bem aproveitadas essas experiências, este programa será facilmente vencido.

*

Experiências gerais

1 — Trabalho pré-geográfico.

O trabalho pré-geográfico tem por fim estabelecer certas noções que se relacionam diretamente com a geografia. A criança tem sempre noções sobre os elementos que a cercam na natureza, e sobre a relação das coisas no seu ambiente. Essas podem ser corretas, mas geralmente, não o são, pelo que se torna necessário à professora conhecê-las para fixar as verdadeiras, corrigir as falsas e formar as indispensáveis ao trabalho que vão empreender.

Atividades:

a) conhecimento das experiências de cunho geográfico adquiridas pela criança em sua vida de família, brinquedos, leituras e atividades no ano anterior. Fazer a criança contar o que sabe ou pensa sobre: calor do sol — luz — frio — chuva — rios — plantações — vida animal;

b) correção dessas experiências. Por meio de palestras observações e material ilustrativo, corrigir as experiências, destruindo concepções errôneas e firmando as exatas;

c) coordenação e fixação de experiências geográficas comuns a toda a classe e levando a conclusões simples sobre relações entre o homem e o meio ambiente:

1 — Plantações:

a) influência da água, da luz, do ar. Consequência da falta desses elementos. Prejuízo que adviriam para os plantadores;

b) solo — bom para as plantações, mau. Necessidade de trato;

c) diferença entre plantas nativas e de fácil cultivo e outras de cultivo mais difícil. (Visão geográfica);

d) algumas plantações mais comuns na localidade;

e) valor de determinadas plantas. Sua existência na alimentação da criança ou dos animais;

f) observações no jardim e horta da escola: terreno, adubação, trato, água.

2 — Verificar a noção que as crianças têm da origem dos produtos de alimentação: legumes, frutas; as diversas farinhas; leite e seus derivados; carnes, banha, etc.

3 — A mesma coisa da origem da matéria prima usada na feitura do vestuário, como lã — algodão — sêda; calçados; chapéus, etc.

Idéias sobre os processos por que passam para tomarem o aspecto que apresentam.

4 — Conhecimento da origem da matéria prima usada no fabrico de brinquedos como bolas de borrachas, bonecos de celulósido, de massa, de louça; brinquedos de metal, como carrinhos, aparelhinhos, etc.

5 — Outras experiências cujo contacto com a criança desperte alguma relação de cunho geográfico interessante para a criança.

Planta:

1 — Iniciação à interpretação do mapa. Localização da escola (Ver Cap. III).

História: — A escola; nome; fundador; citação de fatos interessantes de sua vida presente e passada; valor; eficiência da escola. Exemplo. Alunos residentes na localidade.

SEGUNDO PERIODO

ABRIL, MAIO E JUNHO

A cidade:

1 — Orientar as observações dos alunos nas idas e vindas para a escola. Terrenos incultos, Praças, jardins, hortas, etc.

2 — Lavoura local. Trabalho do homem: processo da adaptação para aproveitamento do meio. Valor econômico e social.

3 — Animais úteis existentes na localidade: Criação. Trabalho do homem.

4 — Indústria principal da localidade. O por quê de sua existência. Notícia de outras indústrias.

5 — Comércio local. Sua dependência da indústria e agricultura locais. Comparação de preços de cousas comuns. Baixa e alta de preços em épocas diferentes do ano. O porquê. Comparação com produtos não nativos à localidade. (Visão geográfica).

6 — Interdependência das diversas atividades humanas. Comércio, agricultura, indústria, profissões liberais, etc., com observações na vida local.

7 — Progresso da localidade. Dificuldades e possibilidades.

8 — O que determina a atividade predominante da vida da cidade: se industrial, agrícola, oficial, intelectual (ex. Juiz de Fora, Ponte Nova, Belo Horizonte, Ouro Preto, etc.).

Planta:

1 — Localização de pontos importantes para a cidade.

História:

1 — O Governo da cidade. Autoridades locais. Prefeitura, impostos e benefícios. Diferença entre ambiente natural e o ambiente aproveitado e modificado pelo trabalho do homem.

2 — O nome da cidade. Origem. Fundadores. Beneméritos. Pessoas da cidade ligadas aos primeiros habitantes. Lendas e fatos interessantes. Estudo mais pormenorizado de uma data local e sua comemoração. Traços deixados por homens ilustres: casa de saúde, escolas, indústrias, embelezamentos, etc.

TERCEIRO PERÍODO

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

O Município:

1 — A cidade como um todo e seu Município. Lugares em que a cidade se abastece de viveres: carne, leite, legumes, cereais, ovos, frutas, etc.

2 — Abastecimento de água. Energia elétrica. Esgoto, etc.

3 — Causas de insalubridade e fatores de salubridade.

4 — Necessidades não satisfeitas diretamente pelo próprio Município. (Visão geográfica).

5 — Conhecimento, localização e valor dos principais acidentes geográficos dos Municípios: rios, elevação de terrenos, planícies, baixadas, etc.

6 — Síntese do ambiente natural: clima, solo, estradas, rios, montanhas, etc.

7 — Melhoramentos e aproveitamento do ambiente natural pelo homem. Progresso. Possibilidades. Dificuldades. Problemas locais.

8 — Indústria — Motivos de sua localização. Relações entre o solo e sua produção.

9 — Comércio — Suas relações com o solo, indústrias e lavouras.

10 — Intercâmbios e ligações no Município e com Municípios vizinhos. Vias de comunicações. Meios de transporte. Correio, Telégrafo. Telefone, etc.

11 — Vida social e cultural: escolas, associação, museus, bibliotecas, diversões. Os jornais do Município, etc.

Planta:

1 — Continuação — Localização de pontos importantes para o Município em geral — Municípios vizinhos.

História:

1 — O Município e sua história. Os filhos mais notáveis da terra. Antepassados. Sentimento de família. Idéia da terra natal. Idéia e sentimento de pátria. Bandeira Nacional.

QUARTO PERÍODO

OCTUBRO E NOVEMBRO

Região do Município:

1 — Cidades vizinhas da sede escolar. Informações sobre elas: meios de comunicação, produções, mineração, lavoura, vida dos habitantes, casas de ensino, etc.

2 — A região onde está situada a sede escolar. Características principais: clima, produções, comércio, etc.

3 — Cidades principais da região.

4 — Rio principal — Outros acidentes geográficos dignos de nota.

5 — Ligações entre as cidades da mesma região.

6 — Vida de seus habitantes.

7 — Progresso. O trabalho do homem no aproveitamento do ambiente natural: lavoura, criação, mineração, indústrias, comércio, etc.

8 — Situar e localizar a região no mapa de Minas.

9 — O progresso da região — fruto do trabalho e da inteligência.

NOTA — Utilização freqüente e orientada do mapa de Minas.

História

1 — Conhecimento da vida e obra de homens ilustres ligados à região.

2 — Pequenas histórias e biografias relativas às grandes invenções influenciadoras do progresso humano. Transporte — a estrada de ferro, o automóvel, a navegação, etc.

A luz elétrica — Edison — Histórico da iluminação.
O telefone, o rádio, etc.

Descobertas influenciando na saúde e felicidade do homem. Histórico dos meios de transporte.

Atividades:

Entre as atividades indicadas para o 2.º ano algumas são indispensáveis como o próprio objetivo da matéria demonstra. Outras podem ser escolhidas pela professora de acordo com os interesses e possibilidades da classe. Todas elas concorrem para aquisição de conhecimentos, hábitos e habilidades necessários. Devem ser levadas a efeito ligadas ao desenrolar do assunto:

1 — palestras das crianças relatando aos colegas experiências próprias;

2 — experiência com grãos (feijão, milho) para demonstração da influência dos elementos: a luz, a água, o calor;

3 — excursões com objetivos bem definidos e relação imediata com o estudo. Ex.: para confecção da planta; para conhecimento da lavoura local; para reconhecimento de acidentes geográficos, etc.;

4 — álbuns, contendo gravuras, composições, notícias, desenhos, fotografias, sobre:

a) a vida da escola;

b) fatos, cousas e homens da localidade e do Município;

c) cousas e fatos sobre as relações entre o Município e o Estado;

5 — planta da localidade (Ver. Cap. III);

6 — testes de interpretação de trechos simples de plantas e mapas desconhecidos com utilização da legenda;

7 — confecção de gráficos sobre diversos aspectos da vida local;

8 — dramatizações;

9 — organização de notas sobre os principais animais e plantas locais; animais e plantas existentes na localidade, já como resultado da atividade humana;

- 10 — organização de pequeno museu local (Geog., História);
11 — auditório sobre os estudos da localidade;
12 — cadernos individuais para apontamentos;
13 — jogos;
14 — canto, poesias, etc.

Educação Moral e Cívica

Introdução

A Educação Cívica visa à formação da "consciência patriótica" e reclama, cada dia mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral, no sentido em que procura harmonizar o indivíduo com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica prepara o cidadão. Daí o dizer-se que a Educação Cívica não prescinde da Educação Moral, visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, conjuntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

Parte formativa

A parte formativa compreende a formação do caráter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as atividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o caráter.

E, necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que, conhecendo-a, o professor possa conduzi-la, desenvolvendo o que nela há de bom e reprimindo o que há de mau; dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discernir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, incutir ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para c

progresso do país e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquele que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no do conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.

São apenas responsabilidades da vida escolar que levarão o aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dêsse modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório e em outras oportunidades, a desenvolver ideais e qualidades pessoais de retidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem trabalho, controle próprio, etc. e sociais de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito a outrem, etc.

As comemorações de caráter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as lendas, os hinos e canções patrióticos, as poesias, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensejos para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

Socialização

A formação do caráter e o desenvolvimento do civismo fazem-se, especialmente, pela socialização da escola, através de métodos socializados (projetos, problemas, dissertações socializadas, grupos de estudos, etc.) e mais eficientemente, pelas instituições escolares, porque:

- elas trazem para a escola situações reais de vida, onde "o aluno aprende a fazer melhor aquilo que lerá de fazer mais tarde";
- estão de acordo com o interesse e capacidade da criança;
- facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem;
- canalizam as tendências infantis;
- estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade.

Valores a auferir da socialização: — Cooperação, iniciativa, confiança em si, responsabilidade, julgamento, ordem, comando, inteligente obediência à autoridade, controle próprio, revelação de aptidões e capacidades especiais, etc. Exemplos: — elegendo os redatores do jornal escolar, os alunos estão praticando julgamento,

responsabilidade, respeito a outrem, aprendendo a vencer e serem vencidos, etc.; no funcionamento de um clube desenvolvem-se: iniciativa, responsabilidade, sentimento de lei, de ordem, cooperação, etc.

De um programa de escola primária devem constar, tanto quanto possível, as seguintes instituições:

- Auditórios.
- Comemorações de datas nacionais e locais.
- Festivais.
- Hora cívica.
- Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de Lettura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.).
- Escotismo.
- Jornal.
- Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
- Jogos esportivos.
- Excursões.
- Biblioteca.
- Museu.

Parte informativa

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres, auxilia o indivíduo a cumprir esses deveres e a usar esses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercício em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do país, suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc., conhecimentos esses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com eles. Serão matéria do 3.º ano e do 4.º.

É evidente que, no curso primário, o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de todas as questões, mas sim que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sobre os diversos pontos apresentados.

PRIMEIRO ANO E SEGUNDO

De acôrdo com o Capitulo anterior, no 1.º ano e no 2.º trabalho de Educação Moral e Cívica é de natureza prático-formativa.

Compreende a iniciação e o cultivo dos hábitos, atitudes e idéias necessários ao aluno, em suas relações com a família, a escola e a sociedade.

Essas práticas e virtudes morais e cívicas serão desenvolvidas no decorrer do curso primário, e constituirão a base para o aperfeiçoamento das qualidades morais e cívicas do cidadão.

O 1.º ano e o 2.º formam ainda o período preparatório, em que o aluno vai adquirir praticamente, entre outras, noções de autoridade, discriminação de atribuições, conhecimento de regulamentos e leis que lhe permitirão compreender melhor a matéria nos programas de 3.º ano e de 4.º.

O ponto de partida é o que a criança vê e ouve discutido em casa: serviços públicos prestados no seu meio mais próximo — a família e administração local, para depois compreender o que é de atribuição do Estado.

São as questões de alimento, vestuário, habitação, plano de cidade, limpeza pública, diversões, saúde pública, policiamento, escolas, transportes, comunicações, etc., que formam base para o estudo do mecanismo da administração (governo, instituição, lei, etc.).

O programa faz, assim, a criança crescer com um conhecimento inteligente de alguns problemas vitais que defrontam as nossas cidades, vilas ou municípios, percebendo ao mesmo tempo as relações de causa e efeito.

No primeiro ano, essas noções serão adquiridas tendo por base as experiências que os alunos trazem de casa e as que encontram na escola.

No 2.º ano, a formação de hábitos, atitudes e ideais iniciada no 1.º ano e referentes à família e à escola, será continuada e ampliada à vida na localidade, baseando-se em conhecimentos contidos no programa de Geografia e História. (Ver programa de Geografia e História — 2.º ano).

Para o trabalho de natureza prático-formativa no 1.º ano e no 2.º, o professor se guiará, de um modo geral, como nos seguintes tópicos:

*

Ampliar a formação de hábitos, atitudes e ideais morais e cívicos iniciados no 1.º ano.

Municípios e seus distritos

- a) idéia de terra natal;
- b) principais aspectos da localidade que concorrem para o seu progresso;
- c) serviços públicos municipais: — saneamento, limpeza pública, escolas, iluminação, água, esgoto, etc.;
- d) a Prefeitura e o Prefeito — Observar as principais leis do Município, relativas a trânsito, conservação de ruas, praças, jardins, estradas, prédios, etc.;
- e) o imposto municipal e sua aplicação;
- f) a ordem na localidade: o delegado — a polícia;
- g) página literária: — prosa, poesia, canção ou hino sobre a escola e a terra natal.

(A inclusão dêste último tópico no programa não significa somente sugestão de uma atividade; procura formar nos alunos uma atitude de interesse para com a música e a literatura brasileira como expressão do sentimento pátrio).

Comemorações cívicas e símbolos da Pátria:

A mesma orientação que para o 1.º ano.

Campanhas de caráter cívico:

Ampliar a participação dos alunos em campanhas de caráter cívico indicadas no programa do 1.º ano.

A Educação Moral e Cívica em relação com as demais disciplinas

I — *História e Geografia.* O programa de História é também programa de civismo, tão intimamente se acha correlacionado ao de Educação Moral e Cívica. A História é matéria especificamente cívica pelas virtudes que pode estimular, pelos exemplos edificantes que apresenta e pelos ideais que suscita.

As relações entre a História e a Educação Moral e Cívica irão sendo percebidas pela criança com o desenvolvimento do estudo de ambas: inicialmente, ao ver e ouvir falar sobre família, escola, serviços públicos, administração local etc. (seu meio mais próximo); em seguida, ao estudar o que é da atribuição do Estado. (Governo, constituição, lei etc.).

A colonização, os governos, as guerras, os estadistas, os homens ilustres etc., são motivos que despertam, naturalmente, sentimentos cívicos.

Dêsse modo, não se pormenorizam no programa de Educação Moral e Cívica, pontos que já constam do programa de História, como: possibilidades dos estados de contribuírem para a riqueza nacional; atitude de patriotismo pela compreensão dos problemas brasileiros; colaboração com os dirigentes do país; atitude de compreensão para com os problemas e dificuldades dos povos estrangeiros etc.

Assim como a História, a Geografia é matéria que tem grande relação com a Educação Cívica, concorrendo para desenvolver no educando a apreciação, o interesse e o amor pela terra.

Os conhecimentos geográficos farão a criança crescer em conhecimento dos problemas vitais de nossas vilas ou cidades, dos municípios, do Estado, do País etc.

O meio físico, os recursos naturais, dificuldades e possibilidades, as indústrias, o progresso, o comércio, as relações com os países estrangeiros, os planos das cidades, as escolas, os transportes, as comunicações etc., são tópicos geográficos que ensejam o desenvolvimento do civismo.

Dêse modo, êsses e outros pontos deixam de figurar no programa de civismo, cabendo ao professor desenvolvê-los de modo a formar na criança a atitude de compreensão e de civismo que êsses tópicos favorecem, levando o aluno a uma visão equilibrada da realidade brasileira: — nem patriotismo que se exalta em enumerar e descrever riquezas naturais do Brasil, nem atitude de pessimismo em face dos problemas brasileiros, mas um sadio equilíbrio baseado num sentimento generoso de serviço à Pátria, na formação de energia capaz de enfrentar problemas e de solucioná-los, bem como na discriminação e na valorização de nossas riquezas naturais e humanas.

II — *Lingua Pátria*. Para facilitar o correlacionamento entre a linguagem e a Educação Cívica, são apresentadas como sugestões as seguintes atividades:

1 — Leitura, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias patrióticas ou que descrevem fatos de nossa história e se referam à nossa gente.

2 — Leitura, comentário, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias dos grandes escritores do País.

3 — Leitura, interpretação e comentário de alguns artigos da Constituição, de trechos de certos decretos-leis relacionados com o ensino primário, assistência à infância, etc., bem como de trechos fáceis que esplanem assuntos do programa de instrução cívica.

4 — Apresentação de trechos e poesias acima indicados, bem como de biografias dos grandes homens da Pátria e da humanidade, nas horas cívicas e sessões dos auditórios e clubes de leitura.

5 — Palestras sobre fatos históricos e geográficos, focalizando problemas da localidade, da região ou do país.

6 — Palestras ilustradas, focalizando os aspectos mais originais e interessantes da natureza brasileira, índole, costumes e tradição dos seus habitantes.

7 — Interpretação de gravuras de fatos históricos e geográficos, bem como de quadros dos grandes pintores brasileiros.

8 — Leitura e interpretação de fatos ou contos em que sejam acentuados os sentimentos de honradez, lealdade, amor à Pátria e à humanidade, cumprimento do dever, abnegação, altruísmo, bondade, exemplo de dignidade e outras virtudes cívicas e sociais.

9 — Leitura e interpretação de trechos de autores salientando traços nobres das personalidades que souberam vencer dificuldades anteopostas à realização de ideais a serviço da humanidade.

10 — Leitura, interpretação e narração de lendas do país, história e poesias do "folclore" nacional.

11 — Composições sobre fatos históricos e geográficos, episódios edificantes da vida dos grandes homens da pátria e da humanidade.

12 — Dramatização.

III — *Aritmética e Geometria* — Correlacionando com a educação cívica o programa de aritmética e geometria, poderá o professor valer-se do seguinte:

1) Conhecer cifras (quantidade e valor) relativas às primeiras produções do município, do Estado e do país, acompanhando-as com as dos anos anteriores.

2) Elaborar problemas sobre as despesas do Estado e do país relativas aos serviços de proteção à agricultura, pecuária e outros.

3) Interpretar e mesmo levantar pequenas estatísticas que focalizem aspectos interessantes da vida do município, do Estado, do País.

4) Aproveitar cifras relativas a impostos, arrecadação municipal, estadual e federal, dados referentes às taxas cobradas, para elaboração de problemas sobre percentagem. Como o país, o Estado e o município empregam as somas arrecadadas: — Os serviços municipais, estaduais e federais da localidade. Despesas com a educação e saúde pública, justiça, policiamento, iluminação e limpeza pública, meios de comunicação, construção de edifícios públicos, etc., etc. Relativamente à educação, por exemplo, elaborar problemas tendo em vista:

a) construção e conservação de prédios escolares;
b) fornecimento de material escolar;
c) vencimentos do pessoal administrativo e docente;
d) custo de cada aluno ao Estado, por ano, e o prejuízo da repetência, etc., etc.

5) Conhecer o movimento das instituições de beneficência da localidade — Santa Casa, Confência de S. Vicente de Paula etc., da escola — Caixa Escolar, Cantina etc.

6) Organizar problemas com dados referentes à produção e comércio, estradas de ferro e de rodagem, etc., etc.

7) Interpretar gráficos informativos do movimento econômico, social e cultural do país, do Estado e do município.

8) Comparar o custo da vida em diferentes épocas. Por exemplo: o preço do gado, dos géneros alimentícios, dos tecidos, o valor de propriedades, vencimentos de professores etc.; etc. há vinte, trinta, cinqüenta anos passados, comparados com os atuais.

IV — Ciências Naturais e Higiene:

Poderão ser correlacionados ao Programa de Educação Moral e Cívica os seguintes pontos do programa de Ciências Naturais e Higiene:

- a) Atividades indicadas no 1.º período do 1.º ano.
- b) Os pássaros, sua utilidade. Proteção aos pássaros úteis e aos seus abrigos naturais.
- c) Os animais. Serviços que prestam ao homem. Propaganda em favor de um melhor trato aos animais. Comemorar o dia 4 de outubro, dedicado aos animais, contando ou lendo histórias do "folclore" nacional referente aos mesmos ou por outros meios.
- d) A árvore, seus benefícios, trato e conservação. O reflorestamento. O 21 de setembro.
- e) Fazer com que cada aluno se interesse pela própria saúde, a fim de que, no futuro, seja parcela de valor na comunidade brasileira.
- f) Campanha contra o impaludismo, a tuberculose, a febre amarela, a lepra, a varíola, etc.
- g) O efeito do álcool no sistema nervoso e as virtudes da temperança (saúde, economia, moral, etc.).
- h) Clube rural e pelotão de saúde.

V — Educação Física:

O programa de Educação Cívica está correlacionado ao de Educação Física principalmente na parte referente a jogos em grupo. (Ver programa de Educação Física).

A criança se submete naturalmente ao regulamento dos jogos em grupo, adquirindo ou desenvolvendo:

- a) espírito de justiça, que se revela principalmente na aceitação da vitória do adversário e desenvolve sentimentos de tolerância, lealdade e solidariedade;
- b) espírito de renúncia e de cooperação;
- c) iniciativa, responsabilidade, confiança em si, capacidade para aceitar sugestões, coragem, etc.;
- d) respeito às leis, na prática das regras dos jogos, na obediência ao juiz e no acatamento a suas decisões. A criança aprende a se dominar, aceitando uma censura que tenha merecido, bem como penas cominadas nas regras dos jogos e que lhe são justamente apli-

eadas. O aluno aprende ainda a suportar o frio, o calor, a fadiga, e a ser corajoso, enfrentando o adversário nas competições.

3.º — As formaturas nas solenidades das grandes datas nacionais e as demonstrações de cultura física ensejam a criação da disciplina, do entusiasmo e da resistência.

VI — Canto:

Acha-se o programa de Canto intimamente correlacionado ao de Educação Cívica na parte relativa a canções, hinos patrióticos, músicas folclóricas, etc.

Precedendo cada comemoração, devem ser estudadas música e letra do canto referente ao episódio a ser comemorado.

Alguns fatos geográficos e históricos constantes do programa de Educação Cívica podem, igualmente, ser focalizados ou resumidos numa canção. Exemplo: A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (musicada) presta-se a completar o estudo e desenvolver o sentimento de terra natal ou de Pátria.

Deixam de ser mencionadas, por estarem já incluídas no programa de Canto as canções que são especificamente de caráter cívico. Cumpre ao professor consultar os dois programas (Canto e Educação Cívica) e fazer a correlação necessária.

VII — Desenho, Modelagem e Trabalhos Manuais:

Em sua relação com a Educação Cívica, serão aproveitados os motivos das diversas disciplinas do curso que apresentam pontos de referência com o assunto focalizado. Dentre outras são lembradas as seguintes:

- 1 — estudo cuidadoso e sistematizado da Bandeira Nacional, iniciado no 1.º ano por meio de desenhos e modelagem etc., e terminado no 4.º ano com sua confecção em pano próprio;
- 2 — O Escudo Nacional, igualmente, no 4.º ano, poderá ser desenvolvido para figurar em cartazes e outros trabalhos;
- 3 — fichas ressaltando normas e legendas cívicas ou assinalando fatos e datas nacionais;
- 4 — albums de trabalhos selecionados;
- 5 — quadros, livros, cartazes, retratos, etc., referentes a assuntos cívicos.

Ciências Naturais e Higiene

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão resultará dos cuidados com que a escola dirigir o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que os "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais. A medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ânsia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas, verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas, previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, com o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino da observação, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprego de termos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiência ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprego usual de operações numéricas etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais, na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é esse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquisando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá ele mesmo...

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou aquela pergunta ou questão do aluno, responder com um "não sei mais, vamos procurar saber". O seu prestígio, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de pessoas de espírito aberto e vivo, diligentes, amigas das crianças e do progresso. No ensino de tôdas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais não constitui uma exceção, certamente.

✱

Cumprido ao ensino das Ciências Naturais e de Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criança para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumprido à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o indivíduo e para o país, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve desde cedo aproveitar os motivos que a vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque todo brasileiro, pela imensa extensão do país, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou criação. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que, entre outros fatores, este esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o indivíduo nas cidades aproveita relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar mais a sua observação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve inculcar nos seus alunos, o mais cedo possível, este amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançar as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, revela acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco frequentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a este fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos na escola até a conclusão do mesmo. Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para a permanência dos alunos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

Higiene e alimentação

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do país. Dela depende grandemente o caráter, equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

À escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo a formação de hábitos hígidos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação estética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos hígidos, na escola como no seu próprio lar.

O medo, que tão facilmente domina o psíquico da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e apreensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e dispendiosas.

*

No segundo ano continua-se o mesmo método do primeiro, que é, afinal, o verdadeiro método das Ciências Naturais. Um mesmo fato será oferecido à observação da criança sob diversos aspectos e várias influências, para permitir que o espírito infantil elabore por si as conclusões. Neste ano, entretanto, a observação pode ser mais orientada e um pouco menos espontânea.

O fato estudado ou apresentado à criança através de preleções custa a ser compreendido e ainda mais a ser conservado pela memória. Não acontece o mesmo com o fato adquirido através da observação quotidiana. A criança não o esquece nunca, porque ele se incorporou, dia a dia, às suas próprias experiências. Por outro lado, a observação custa menos tempo. Tem-se verificado que, aquilo que se expõe à observação da criança, ela o adquire às vezes sem sabermos como, sem nenhum esforço da professora ou de qualquer pessoa.

Neste ano, os fatos são também oferecidos à observação da criança.

O programa do segundo ano pode resumir-se nos seguintes pontos:

Quanto aos animais:

Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve a observação e conhecimento dos hábitos e característicos dos animais, do meio em que vivem, como reagem e como se adaptam às modificações do meio. Metamorfose de certos animais. Animais domésticos e selvagens, nocivos e úteis. Observações demorada de rãs, insetos, pássaros, vermes e outros animais.

Quanto às plantas:

Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve o estudo das partes da planta e suas funções. Principais condições de vida. Frutos, sementes e meios de disseminação.

Quanto ao céu:

— Posição do sol — Formas da lua.

Higiene: — Os mesmos hábitos do primeiro ano.

Influência de uma alimentação sadia sobre a saúde.

Respiração: respirar bem; ar puro.

Combate ao álcool e ao fumo.

Variola — Sínas — Vacinação.

FEVEREIRO E MARÇO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observação de insetos para conhecimento de seus hábitos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Apanhar insetos caseiros e levá-los vivos para serem observados em classe. Colocar cada um num vidro com alimento próprio.

Observar os seguintes insetos:

— de armários, malas e gavetas de roupa;

— de dispensa: do feijão, do arroz, do milho, da batata e das farinhas;

— de livros e papéis;

— do quarto de dormir;

— parasitas do homem e animais domésticos.

2 — Observar mais detidamente a barata ou outro inseto caseiro:

a) observar-lhe as partes do corpo, cabeça, tórax, abdômen;

b) examinar-lhe a cabeça: par de antenas e suas funções;

c) olhos e "óculos";

d) dois pares de asas;

e) tamanho das pernas umas em relação às outras; número de pernas;

f) observá-la em sua atividade para descobrir o seguinte:

— porque tem a forma achatada;

— pelo tamanho das pernas, descobrir como se locomove: se salta — corre ou anda;

— pelas asas, descobrir como é o seu voo;

— pela sua atividade — descobrir qual o sentido mais desenvolvido;

g) quais são os seus meios de defesa contra os inimigos ou quando em perigo;

h) quando se torna mais fácil pegá-las. Como combatê-las;

i) observar a evolução de um ovo de barata.

Bibliografia para o professor: Insetos do Brasil, de Ernesto Roma.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Organizar e ampliar as observações do primeiro ano sobre a germinação.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres adaptados à vida em certas condições.

Pontos a serem dados: — Fases da germinação;

— condições de vida da planta — água, luz e calor.

Atividades:

1 — Pôr num mesmo dia sementes de ervilha, de serralha e de laranja, um bulbo e uma batata para germinarem. Tratá-los com zelo, observar-lhes as fases da germinação, comparando o desenvolvimento de umas com o das outras.

Depois de germinadas submetê-las a experiências simples para levar a classe a concluir a influência da água, da luz e do calor na vida da planta.

2 — Plantar flores de ciclo rápido em vasos ou latinhas.

Estudo do céu

Objetivo especial: — Observar o céu:

a) mostrar a posição do sol várias vezes ao dia;

b) procurar a lua e observar sua forma.

Observar o céu à noite para:

procurar a forma da lua e as suas modificações.

Higiene — Manter os hábitos formados no primeiro ano.

Formar o hábito de alimentar e respirar bem.

— Combater o uso de bebidas alcoólicas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

1 — Objetivo especial: — Observar como os animais se defendem de seus inimigos: todo animal se defende quando é atacado.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Investigar sobre a defesa dos animais domésticos e selvagens mais comuns:

a) os que se defendem com garras;

b) com coices e patadas;

c) com cabeça e com os chifres;

d) os que se agregam para se defenderem;

e) os que mordem, veiculando veneno;

f) os que mudam de cor para se confundirem com o ambiente;

- g) os que lançam fluidos fétidos;
 h) os que saem a procura de alimento quando os inimigos dormem;
- i) os que picam e ferem.
- 2 — Objetivo especial: — Continuar a observar os insetos.
 Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.
 Observar de perto as joaninhas e os pulgões:
- a) apanhar joaninhas em vários lugares;
 b) procurar larvas;
 c) observar-lhes o tamanho e a cor;
 d) comparar a larva ao inseto adulto;
 e) colocar uma joaninha junto a vários pulgões e observar o que acontece;
 f) levar a observar os pulgões na laranjeira;
 g) procurar joaninhas — notar que estas procuram os caules.
- 3 — Manter o interesse pelos animais estudados e comentar novas observações das crianças.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observação das plantas para saber como vivem.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptadas às condições de vida do meio.

Pontos a serem dados: Funções das partes da planta — raiz e folhas.

Atividades:

- 1 — Imergir apenas as raízes de uma planta numa água vermelha. Depois de algum tempo, levar a classe a observar a água colorida nas folhas.
 Explicar a função da raiz que pode ser comparada com a boca da planta.
- 2 — Fazer uma experiência simples para mostrar que a folha elabora o alimento com a luz do sol, principalmente;
 Pôr uma latinha plantada com feijão ao sol e outra, nas mesmas condições, mas no escuro. Regá-las convenientemente — Observar que a última amarelece e depois morre. Explicar.

Estudo do céu

- 1 — Levar a classe a observar o tamanho dos dias.
 2 — Marcar a sombra das árvores três vezes ao dia e relacionar com a hora.
 3 — Prosseguir na observação do período anterior.
- Higiene — Variola: sinais mais visíveis da doença. Vacinação.

Combater o uso do álcool e do fumo.

Sugerir trabalho para as férias:

- 1 — Apanhar insetos e mantê-los vivos para levar para a classe;
 2 — Procurar acompanhar o trabalho de um passarinho que faz seu ninho.
- 3 — Apanhar ninhos abandonados e identificá-los.
 4 — Apanhar casulos e crisálidas, identificá-los e trazê-los para a classe para estudo da metamorfose das crisálidas.
 5 — Tratar de hortas e jardins;
 6 — Pôr uma galinha a chocar.
- 7 — Procurar descobrir alguma coisa interessante sobre a vida das plantas, insetos, pássaros e animais domésticos;
 9 — Escrever histórias interessantes sobre plantas.
 Tratar diariamente da horta, do jardim e dos animais: manter
 8 — Ler histórias e poesias sobre animais e plantas.
 um "Diário" sobre o desenvolvimento dessa atividade;

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

1 — Verificar o trabalho de férias;

2 — Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio.

Tópico de que faz parte: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Atividades:

- a) aproveitar as experiências adquiridas no primeiro ano e desenvolvê-las no estudo do frio;
 b) o frio em outros lugares: apresentar gravuras sobre a neve; paisagens, brinquedos típicos na neve; vestuários próprios. Fazer tanto quanto possível nitida a descrição da neve — rios gelados — estradas obstruídas;
 c) histórias sobre a neve;
 d) explicar a defesa dos animais contra a neve:
 — alguns enchem-se de pêlos — esquilos.
 — outros imigram — pássaros, borboletas, etc.
 — outros cavam buracos debaixo da terra e dormem até dias mais quentes (hibernação).
 — outros cavam geleiras debaixo da terra onde se demoram e armazenam alimentos.
- 3 — Como os homens se protegem:
 a) aquecem as casas com aquecedores especiais; fogões próprios de sala — canos — água quente debaixo das janelas;
 b) alimentam-se de substâncias gordurosas;
 c) fazem conserva dos principais produtos de alimentação;

- d) cultivam verduras e legumes em estufas, etc.;
 e) vestuários de lã e de peles de animais;
 f) defesa dos veículos: caminhões, automóveis, charretes, ca-
 roças.

Como os homens ajudam os animais a se defenderem da neve.

4 — Contar à criança a vida em regiões eternamente frias.

Dar indicações gerais sobre os animais e sobre a vida dos ho-
 mens nesses lugares.

(Ilustrar fartamente).

5 — Levar a criança a observar que entre nós a atividade dos
 pássaros e insetos diminua no tempo de frio.

6 — Como as plantas se defendem do frio onde há neve:

— deixam cair as folhas, etc.

Estudo dos animais

1 — Observar de perto um pássaro útil comum no lugar.
 Exemplo: pica-pau, conforme esquemas anteriores.

2 — Observar o coelho:

a) observar as atitudes do coelho parado — observar o mo-
 vimento das orelhas;

b) observar a distensão do corpo e a direção das orelhas;

c) observar-lhe as patas; comparar as dianteiras com as tra-
 zeiras;

d) observar os olhos do coelho;

e) observar-lhe a maneira de comer e a alimentação;

f) comparar a maneira de comer com a de outros animais;

g) procurar 5 outros animais que comem da mesma mane-
 ra. Como se chamam os animais que têm essa maneira de comer. Ou-
 tros característicos iguais entre esses animais.

h) como é a voz do coelho.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres
 vivos adaptados às condições do meio.

Objetivo especial: — Como as sementes são protegidas pelos
 frutos.

Atividades:

a) Levar a criança a observar os frutos.

b) Frutos que amadurecem, desprendem-se, caem ao solo, para
 espalhar a semente: laranja.

c) Frutos que amadurecem, secam e abrem-se para deixar
 cair a semente: feijão, ervilha, etc.

d) Mostrar em que consiste a defesa das sementes nos frutos
 carnosos e nos secos.

e) Pesquisar com as crianças os frutos das plantas conhecidas
 e a maneira como protegem a semente.

Objetivo especial: — As sementes estão dotadas de recurso para
 se espalharem o mais possível.

Tópico geral: as plantas como seres vivos adaptados às condi-
 ções de vida do meio.

Observação das várias sementes colecionadas em classe, para
 se descobrir o meio de disseminação de cada uma:

— as redondas — rolam: ervilha, couve, etc.;

— as de paraquedas — voam a grande distância: serralha,
 paina, etc.;

— as de velas navegam — às vezes fruto e semente;

— as de espinhos — prendem-se às roupas das pessoas, ao
 pelo dos animais e às penas dos pássaros: carrapicho.

Outros meios de disseminação: o cheiro e o gosto dos frutos
 atraem os animais que os comem e lançam a semente noutro lugar.

Outras atividades:

Plantar árvores no bosque da escola.

Fazer concursos de jardineiras e de vasos.

OCTUBRO E NOVEMBRO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observar os vários insetos colecionados
 em classe para apreciar a maneira peculiar de cada um.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como se-
 res vivos adaptados às condições do meio.

Atividades:

Observar os insetos para descobrir os que lambem, os que chu-
 pam, os que picam, roem, etc.

2 — Observar de perto a rã para conhecer seus hábitos:

a) forma do corpo, cor da pele;

b) comprimento das pernas;

c) comparar as patas trazeiras com as dianteiras;

d) boca e dentes;

e) de que se alimenta e como caça o alimento;

f) observar o mimetismo da rã — envolver o vidro ou o aquá-
 rio de tempos em tempos com papel de cor e acompanhar o fenô-
 meno.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — As sementes têm recursos para lutar con-
 tra o meio e vencê-lo.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como se-
 res vivos adaptados às condições do meio.

1 — Pôr grãos de ervilha ou feijão para germinar na terra úmida. Logo que o embrião romper a casca, atravessar um grão com o alfinete de modo que ele fique a um centímetro da terra;

a) verificar que a raiz se prolonga até encontrar a terra;
b) depois de 3 a 4 dias, comparar as raízes desta com as outras que foram germinadas sobre a terra;

2 — Como a raiz luta para encontrar a umidade, necessária a seu desenvolvimento. Colocar uma raiz germinada sobre um algodão molhado apenas do lado contrário à direção da raiz do embrião. Observar que a raiz vira e toma a direção do lado úmido.

Tempo: — Prosseguir na observação, conforme esquemas anteriores.

Fenômenos gerais: evaporação.

Objetivo especial: Familiarizar a criança com o fenômeno da evaporação.

Atividades:

1 — Indagar sobre o destino das águas da chuva.

2 — Ferver água numa vasilha diante da classe para levar a observar três pontos essenciais:

- o vapor saindo da vasilha;
- a vasilha seca, depois de algum tempo;
- o vapor que se perde no espaço.

3 — Molhar um lenço e pô-lo a secar na janela:

— explicar o fenômeno.

No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) Desenvolveram seu poder de observação e melhoraram seus processos de pesquisa.

b) Interessam-se vivamente pelas cousas da natureza.

c) Conhecem os principais animais e plantas da localidade e as suas condições de vida num determinado meio.

d) Enriquelceram sua experiência sobre a vida dos animais e plantas.

e) Adquiriram bons hábitos de higiene.

f) Familiarizaram-se com vários aspectos da germinação.

g) Plantaram ao menos uma árvore frutífera.



Trabalhos Manuais

Introdução

Os Trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São êles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis para a fixação de fatos já compreendidos; meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Com efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar, fixar uma série de noções estudadas em classe, enquanto desenha, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevisitas, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao envés de ser dada ao aluno por informações, exigir que êle a reconheça, realizando algo por suas próprias mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporar-se-á à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria independente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Resaltam dai as questões seguintes:

1) — Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2) — E' mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projetos, excursões, dramatizações, etc. Por exemplo, na confecção de mapas, albums, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades dos clubes rurais (jardinagem, horta escolar, ensaios de avicultura, apicultura, etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3) — Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se ou estimular a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência, imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábuas, arame, argila, etc., tudo isto de grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano, é assunto merecedor de especial carinho das professoras, pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria, para melhor amá-la.



Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula de acôrdo com as possibilidades existentes. Por exemplo: organizar em um canto a biblioteca, aproveitando caixotes, cabos de vassoura, sacos de anagem, de sal, de farinha de trigo, retalhos, argila, gravuras, cartolina, papelão, etc., para fazer estantes, banquinhos, guardanapos, vasos, porta-vasos, quadros, etc.

2 — Desenhar:

a) cenas que ilustrem as histórias inventadas ou ouvidas;
b) cenas do princípio, do meio e do fim de histórias lidas ou ouvidas;

c) cenas principais de uma dramatização e fatos observados durante as excursões;

d) histórias mudas.

3 — Colorir:

a) cenas referentes a histórias conhecidas da classe e esboçadas pelos alunos do 3.º ano e do 4.º;

b) histórias mudas, esboçadas e mimeografadas pelos alunos da classe ou de outras turmas.

4 — Fazer:

a) envelopes para guardar as gravuras não expostas;
b) albums com as gravuras já utilizadas em classe;
c) idem, com as cenas de histórias recortadas de revistas ou de jornais infantis;

d) pequeno livro com as histórias inventadas e ilustradas pelos alunos;

e) programas dos auditórios ou festas da classe.

5.º — Organizar o material para dramatizações.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

1 — Desenhar a Bandeira Nacional.

2 — Fazer:

a) relógios com horas e minutos (empregar o material indicado para o 1.º ano);

b) fichas para fixação dos mesmos fatos, o que permite fazer dobramentos de papel para concretizar a idéia de meio, quarto, (vide programa de Aritmética);

c) envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudo;

d) frisos ou gregas em recortes ou desenhos, aplicando o círculo, o triângulo, o quadrilátero.

3 — Organizar o calendário da classe:

a) cartaz da semana — nomes dos dias da semana e, à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída na semana seguinte;

b) cartaz do mês — nome do mês escrito em ficha que se coloca ao alto do cartaz: ao lado esquerdo, em coluna, os dias do mês; à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída no mês seguinte;

c) cartaz do ano — número do ano escrito ao alto do cartaz; ao lado esquerdo, em coluna, os nomes dos meses; à frente de cada mês, fichas com o registro dos acontecimentos e datas mais importantes do ano. (Estes mesmos cartazes podem ser empregados para o registro da frequência).

4 — Ampliar as atividades da loja escolar, organizada no 1.º ano.



Trabalhos Manuais com Geografia e História

1 — Traçar a planta dos arredores da escola (vide programa de geografia).

2 — Desenhar:

a) alguns aspectos da escola;

b) a Bandeira Nacional;

c) os edifícios públicos ou casas comerciais que ficam mais próximos da escola;

d) ampliar o traçado da planta (vide programa de geografia).

3 — Recortar o desenho da Bandeira Nacional e reconstituí-la com as mesmas partes.

4 — Fazer:

a) quadros com retratos do patrono, do fundador, dos beneficentes da escola;

b) idem, idem, dos homens ilustres da cidade e do município;

c) idem, com fotografias ou desenhos dos edifícios públicos;

d) alburns ou cartazes sobre as produções do município;

e) alburns ou cartazes focalizando aspectos interessantes do município e da zona estudados;

f) cartazes com meios de transporte.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

1 — Desenhar:

a) do natural: plantas — no todo e em suas partes (raiz, caule, folha, flor e fruto);

b) os frutos ou legumes de plantas já mimeografiadas ou desenhadas em outras classes (ver o programa do 1.º ano);

c) plantas regionais: algodão, café, mamona, etc. (Alguns destes desenhos poderão ser apenas esboçados pelos alunos do 2.º ano e coloridos pelos do 1.º ano).

d) animais domésticos;

e) pássaros, insetos e peixes.

2 — Fazer:

a) sacolas, guardanapos, lenços;

b) frisos ou gregas, em recortes ou desenhos de animais ou plantas;

c) cartazes com gravuras ou desenhos de várias raças de gado bovino;

d) idem, idem, dos produtos derivados do leite;

e) idem, idem, de várias raças de galinha;

f) idem, idem, sobre a sericicultura ou apicultura;

g) idem, sobre preceitos de higiene.

3 — Preparar caixotes para sementeira.

4 — Organizar, em taboleiro, uma fazenda, com animais domésticos, suas instalações diversas, estábulo, curral, galinheiro, manga, etc.; horta, pomar, cafezal, etc. Material: argila, areia, madeira, carretel, capim, palha, rôlha, etc.

Canto

Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espírito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado físico ou psíquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-lhe os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona alegria e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando todas as almas em torno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades de condições, mas integrando todos nos mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espírito fatigado, traz alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerado em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguintes: o ritmo firme, senso auditivo, afinação segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas, auditórios, etc. A última observação não se estende às escolas onde não haja professora especializada de canto ou às que não possuam piano, sendo o canto, neste caso, lecionado por uma professora do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

Condições do aluno

Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de que o *ritmo*, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por *excelência*, e de que a voz, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de *cantar gritando*, tão desagradável aos ouvintes e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

Em côro, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir certa extensão:

Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão, é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verifica-se uma *alteração* na voz, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desapareça o impedimento.

O *ouvido* merece também grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do côro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças *afônicas*, portadoras de amigdalite ou vegetações adenoideas, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *caligrafia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações frequentes nas letras dos hinos e canções escolares.

A educação do *ritmo* e do *ouvido* pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopáicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

Respiração

Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns:

- 1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.
 - 2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
 - 3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal *a*: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.
 - 4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.
 - 5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.
 - 6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, ao emitir o *a*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
 - 7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diapasão). Este exercício denuncia imediatamente os desafinados.
 - 8 — O mesmo exercício em conjunto com todas as vogais, em ritmo quaternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes.
- NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol 2.ª linha.

Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local apropriado, este deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente esse que dá prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por exemplo) podem ser colocados quadros de cartolina com os rudimentos de teoria e manossolfa do curso primário, trabalhos biográficos de compositores brasileiros (Carlos Gomes, Francisco Manuel da Silva, Vila Lobos etc.) feitos pelos alunos das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos, fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de veneração das crianças pelos grandes músicos.

Horário

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bi-semanas, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidades de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º e para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos, pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, tanto que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário dê-se dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educação Física, no preparo de marchas, bailados, calistenia etc., prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem, contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental, deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho, sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente, à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções patrióticas e outras, acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habituar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

Seleção do repertório

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não somente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo o repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito e eduque o sentimento, e somente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções saudáveis e exaltar o valor de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, destituídos de valor educativo, não se adaptem ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanta pureza o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e as canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e os preconceitos de classe e profissão.

É também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como impulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música bem diferente e especial.

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

Letra dos hinos e canções

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto é, repetindo a declamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, a fim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

Canto por audição

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentando gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos lhe apreendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

- 1.º — Interpretar a poesia com a classe.
- 2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — ve (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da es pe (4.º) — ran (1.º) — ça (2.º) — Sal (3.º) — ve (4.º), etc.
- 3.º — Tocar a melódia, bem baixinho, ao piano, para ser apenas ouvida.

NOTA — Não sendo possível, por falta de piano, pode ser substituída a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

- 4.º — Cantar a melódia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.

5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.

6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinhas e sem piano, desenvolvendo a educação do ouvido e da atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os componentes de um côro.

7.º — Fazer, ao piano, o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados.

Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão da voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitir as vogais, *a* e *e*, que não devem soar abertamente. É indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou a duas e mais vozes.

Correlação de matérias

As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil, principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos e ensêjos.



FEVEREIRO

Recapitulação de algumas canções do ano anterior.

MARÇO

A escola — C. I Pág. 99.

Hino à Bandeira Nacional — H. I Pág. 15.

ABRIL

Tamborzinho — C. I Pág. 16.

A mão — C. I Pág. 155.

MAIO

Hino Infantil — H. I Pág. 132.

Marcha escolar — C. II Pág. 16.

JUNHO

Vai, canoinha — G. II Pág. 20.

O pequeno solfista — C. I Pág. 20.

JULHO

Canção do berço — G. II Pág. 220.

Bão-ba-la-lão (a duas vozes, Vila-Lobos) — Avulsa.

AGOSTO

Marcha, soldado — C. I Pág. 115.

Nozani-ná (indígena, a uma voz, Vila-Lobos) — Avulsa.

SETEMBRO

Canção da laranjeira — G. II Pág. 47.

Primavera (1.º 2.º, 4.º e 6.º estrófes) — C. II Pág. 197.

OUTUBRO

Brasil — C. I Pág. 100.

O papagaio — C. II Pág. 150.

NOVEMBRO

A nossa Bandeira — C. II Pág. 14.

Férias (a duas vozes, Vila-Lobos) — Avulsa.

Nota — O 2.º ano pode cantar, sempre que possível, em conjunto com o 1.º ano, por terem sido estudadas, no ano anterior, as músicas a êste destinadas.

Na Canção "Vai, canoinha", a 1.ª estrofe e a 2.ª devem ser terminadas no 16.º compasso e o final do 2.º verso "à casa chegar" "sem descansar" ser repetido. A canção "Nozani-ná" deve ser cantada 3 vezes, com andamento variado, sendo a 3.ª vez *vivo* e a 2.ª menos *lento* que a 1.ª.

Convenção — C. cancionero; H. hinário; I ou II, 1.º ou 2.º volume.

Sugestões de outras músicas que podem ser aproveitadas, além do programa acima: A escola (H, I 70); Caranguejo (Vila-Lobos); Minha terra tem palmeiras (C, II, 99); Carneirinho de algodão (Vila-Lobos); Capelinha de melão (Vila-Lobos); Onda vai, onde vem (C, II, 27); Velho sino (C, II, 92); Carrilhão (C. B. Barreto); A boa dona de casa (C. I 137); Cajueiro pequenino (C. II, 69); A roseira (a duas vozes, Vila-Lobos); Meus brinquedos (Vila-Lobos); Dorme, filhinho (C, I, 33); Meu pai (C, II, 178); etc., etc.

Educação Física

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém, o seu desenvolvimento requer alicerce: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e constância nas lutas.

Seu obrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo deste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência, de uma ginástica ritmada podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio da vontade, fatores indispensáveis na conquista de qualidades de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o, a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas sobretudo à Pátria.

E lutando contra a inércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil, até o patriota entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e aqui criadas pela Educação Física consciente, isto é, *continuada, alternada, graduada, sistematizada e atrin-*

ente. O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao som da música, os exercícios físicos despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.



“O corpo e o espírito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente.”

Devemos reagir enérgicamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. É a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cónscio do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz, mais hábil, mais veloz, mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quais ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral, na escola, treinando caracteres.



A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate a sedentariedade; porque corrige as constituições franzinas e defeituosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minora os que são congênitos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que deles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatório, excretório, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativa, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos esses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas, com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática, porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se das possibilidades de cada um, o que acarretará o esgotamento, a fadiga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as conseqüências de abusos, que se devem evitar na escolha e na gradação metódica dos exercícios.

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadoras de defeitos físicos. A fadiga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor. Constitui a base em que se poderá firmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física, obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas, essencialmente, a tipos morfo-fisiológicos, diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno com os das escalas avaliadas para esse fim obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas, inicialmente, com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escalas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem:

1.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se grupam em torno do mínimo normal e do máximo;

2.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de estado doentio passageiro, não incompatível com a Educação Física;

3.º grupo — crianças que apresentam insuficiências notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos sub-grupos quantas forem as necessidades de exercícios especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

1.ª — normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo;
2.ª — deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será a maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

Assistência médica — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos de normais e deficientes orgânicos, fornecerá meios ao professor de selecionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento."

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescrevendo exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O médico escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

Exame antropométrico — O exame antropométrico, determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embora sumariamente, as necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio da enfermeira escolar, onde houver, limitando-se a um número indispensável de medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinale as diferenças de desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

Ficha de educação física — Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transfira para outro estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Peso

Perímetro torácico

Envergadura (para os alunos do 4.º ano).

O material necessário à tomada dessas medidas resume-se no seguinte:

Uma balança

Uma toesa

Uma fita métrica, metálica sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

Peso — Com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o peso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

Estatura — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, desencanado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (pontas de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatura pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colocada convenientemente a uma parede vertical. O antropômetro ou uma boa toesa constituem os processos de manejo mais aproveitáveis.

Perímetro torácico — Meninos: na altura da base do apêndice xifóide; meninas: sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e esteja em perfeita horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

Elasticidade torácica — Será obtida pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

Envergadura — Em pé, de costas para o quadro mural, tocando a parede com as nádegas e o dorso: abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

Observações do professor — Na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações se orientará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

*

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observadas pelo professor em relação ao aluno:

Local — As aulas de educação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivo, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoeirados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas ladrilhadas ou assoalhadas, rigorosamente limpas. No caso de se dispôr de áreas cimentadas ou ladrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes claras.

Horas de trabalho — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas horas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das primeiras refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

Uniforme — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não cumprimarem o tórax, o abdômen, o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acordo com a estação, é recomendável.

Temperatura e condições climáticas — Levar-se-á na maior consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários ao aseo.

Fadiga — O trabalho físico nunca deve ser levado até o esgotamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece mesmo com a estafa que é acompanhada de inapetência e de insônia, lassitude geral e mesmo de febre.

O professor deverá conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga, a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis nos últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeram um mínimo de despesas nervosas.

*

A EDUCAÇÃO FÍSICA ELEMENTAR OU PRE-PUBERTARIA INTERESSA ÀS CRIANÇAS DE 4 A 13 ANOS, MAIS OU MENOS

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem, antes de tudo, necessidade de uma saúde vigorosa. A. E. F. que ela deve praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento das grandes funções respiratória e circulatória, bem como a articular, e educação do sistema nervoso, sem, contudo, visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

- 1.º grau — 4 a 6 anos;
- 2.º grau — 6 a 9 anos;
- 3.º grau — 9 a 11 anos;
- 4.º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes.

A. E. F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concernente ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. Os valores educacionais dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus efeitos. As crianças que são desamimadas, retardadas, indolentes,

que observam pouco o que as cerca; que reagem vagarosamente a um estímulo externo; que são numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal levam-na a preferir jogos diferentes em diferentes períodos do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuam para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiênicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sós, um método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte:

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou coisa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como, por exemplo: — imitar um ratinho, um gato, um galo que canta, um gigante, um médico, etc. Está ela em um período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sozinha, é, ao mesmo tempo, causa e efeito, isto é, realiza e sente a satisfação do jogo, isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro, e em que o atacante experimenta a emoção de domínio; e o atacado, a de defesa. Exemplos: — “O gato e o rato”, “O caçador e o veado”, etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. *São jogos que enfraquecem, na criança, a predominância da consciência do eu e estimulam, pouco a pouco, a aquisição de interesse pelo contacto com os companheiros.*

c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimentares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária espontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acordos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo *agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de cooperação, sacrifício, iniciativa própria e sugerida, e de coragem própria ou refletida do grupo.* Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — (“Corra seu urso”, “Nunca três”).

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria iniciativa; a confiança em si; inicia o espírito de tática para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplo: Apanhar o lenço.

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um *trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impellido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte.* Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientes, como também à influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento da mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplo: — Branco e preto.

f) *Jogos de “team”* — Entraremos agora a tratar dos jogos de “team”, que encerram em si todas as leis sociais, na sua mais alta expressão. Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução do jogo associado ao desenvolvimento da criança e com os jogos de “team” entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos de "team", necessário é um preparo prévio do educando, por meio de outros que abram tódias as válvulas de des congestionamento das tendências predominantes em cada fase de sua evolução.

Chegando a esse ponto, nota-se que alguns característicos declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória.

O principal característico dos jogos de "team" é a cooperação de todos.

Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em "team" são altamente valiosos na vida prática e social.

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção, e habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

*

Sessão preparatória

1) Formações e exercícios de ordem:

em linha, em uma fileira

em coluna por um

em círculo

alinhamento

em linha, em duas fileiras

passar de coluna por um a coluna por dois

fora de forma e reunir

maneiras simples de tomar e verificar distâncias

2) Evoluções e rodas:

marchas normais em diferentes cadências

marcha batendo com os pés

marcha com canto

marcha em círculo

marcha em serpentina

marcha em espiral

rodas

3) Flexionamentos:

a) Posições de partida:

posição fundamental

mãos nos quadris

afastamento lateral

afastamento para a frente

sentado, pernas afastadas

deitado

b) Flexionamentos dos braços:

Elevação horizontal dos braços (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços (diferentes planos)

Flexão dos antebraços (diferentes planos)

Flexão dos ante-braços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano horizontal

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano vertical

c) Flexionamentos das pernas

Mãos nos quadris: elevação do joelho (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (diferentes planos)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados)

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação dos joelhos, extensão das pernas

d) Flexionamentos do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco

e) Flexionamentos combinados:

(Daremos apenas alguns exercícios a título de exemplo)

Elevação horizontal dos braços com elevação da perna estendida (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços com elevação do joelho (diferentes planos)

Afastamento lateral: elevação lateral dos braços, flexão dos antebraços com inclinação lateral do tronco

Afastamento para a frente com elevação lateral dos braços, seguida de rotação do tronco com flexão dos antebraços no plano horizontal

f) Flexionamentos da caixa torácica: a) Jogos respiratórios

b) Levantar alternadamente as espáduas para a frente e para traz com circundação das espáduas.

B) Lição propriamente dita:

1) Marchar:

a) Movimentos mimicos

b) Exercícios educativos:

Marchar nas pontas dos pés

Marchar com elevação dos joelhos

2) Trepar:

- a) Movimentos mímicos
 b) Exercícios educativos — suspensões:
 Suspensão inclinada
 Suspensão inclinada, braços flexionados
 Suspensão inclinada, elevação do joelho
 Suspensão inclinada, elevação da perna estendida
 Suspensão inclinada, elevação do joelho, seguida de extensão da perna

(Na falta de barras, estes movimentos podem ser executados com auxílio dos outros alunos, alternando-os).

- 3) Saltar
 a) Movimentos mímicos
 b) Exercícios educativos:
 Balanceamento dos braços com flexão coordenada das pernas.
 Saltitar, pernas estendidas
 Saltitar com afastamento lateral das pernas
 Saltitar com afastamento das pernas para a frente e pra traz
 Saltitar cruzando as pernas
 Pular a corda
 4) Levantar e transportar
 a) Movimentos mímicos
 b) Exercícios educativos:
 Transportar um objeto sobre a cabeça
 Passar de lado objetos diversos
 Passar por entre as pernas objetos diversos
 Passar por cima da cabeça objetos diversos
 5) Correr
 a) Movimentos mímicos
 b) Exercícios educativos:
 Estudo da passada no mesmo lugar
 Elevação alternada dos joelhos
 Estudo da passada correndo
 6) Lançar
 a) Movimentos mímicos
 b) Exercícios educativos:
 Lançar uma bola por extensão do braço (dois a dois, de frente)
 Lançar para a frente uma bola por uma extensão horizontal dos braços (2 a 2, de frente)
 7) Atacar e defender-se
 a) Movimentos mímicos
 Jogos (Dentro do espírito e da organização dos seguintes exemplos)
 Pega-pega de avestruz
 Saltar a vara

- Nunca três
 Segura a bola
 Os prisioneiros
 C) Volta à calma
 1) Marcha lenta com exercícios respiratórios
 2) Marcha com canto ou assobio
 3) Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

*

Instruções Sobre os Horários

1 — O início e o fim das aulas, bem como o recreio, nas escolas que funcionam em dois turnos ou em turno único, devem obedecer ao horário indicado no Regulamento do Ensino:

a) *Aulas: Início* — 7 ou 7,30 e 12 horas ou 12,30, para as escolas que funcionem em 2 turnos; 11 horas, para as de um só turno. *Fim:* 11 ou 11,30 e 16 ou 16,30 para as primeiras e 15,30 para as segundas.

b) *Recreio:* 9,5 às 9,30 ou 14,5 às 14,30 nas escolas de 2 turnos; 13,15 às 13,45, nas escolas de um só turno.

2 — Os professores podem organizar seus horários. Recomenda-se, porém, que considerem o seguinte:

a) o total de horas semanais deve ser respeitado assim:

Para o primeiro ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral e composição — 7 horas e 45 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora e 15 minutos.

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora e 15 minutos.

Período livre 30 minutos. Demais atividades como chamada — entrada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o segundo ano:

Língua Pátria — compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — duas horas e 30 minutos

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Período livre — 30 minutos. Demais atividades como entrada — chamada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

Para o 3.º ano e o 4.º:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição e biblioteca — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências — Uma hora e 15 minutos

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora

Canto — Uma hora.

Demais atividades: entrada, chamada, recreio, saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

b) Antes do recreio, atividades que exijam maior esforço mental dos alunos.

c) A duração de cada aula deve ser regulada pelo interesse da classe.

d) Os períodos livres a professora preencherá com atividades que julgar mais necessárias para atender às deficiências dos alunos ou permitirá que estes trabalhem de acordo com o interesse; por exemplo: alguns em jardinagem; outros, na biblioteca; outros, em trabalhos manuais, etc., contanto que nenhum permaneça inativo.

e) Nas escolas onde não houver biblioteca, as professoras deverão fazer para a classe a leitura de algum livro interessante.

f) São oferecidos, como sugestões, modelos de horários para o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. Os horários de língua pátria podem ser alternados com os de outras matérias.

SEMANA LETIVA — DISTRIBUIÇÃO DAS AULAS (2.º ano)

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Leitura Linguagem Composição Biblioteca L.	Leitura Linguagem Ortog. e escrita Hora de Histórias L.	Leitura Linguagem Ortog. e escrita Composição L.	Leitura Linguagem Ortog. e escrita Biblioteca L.	Leitura Linguagem Ortog. e escrita Composição L.
Pátria L.	Pátria L.	Pátria L.	Pátria L.	Pátria L.
Aritmética e Geometria Geografia e Hist. do Brasil	Aritmética e Geometria Geografia e Hist. do Brasil	Aritmética e Geometria Geografia e Hist. do Brasil	Aritmética e Geometria Geografia e Hist. do Brasil	Aritmética e Geometria Geografia e Hist. do Brasil
Ciências Nat. e Higiene Desenho e Trabalhos manuais	Ciências Nat. e Higiene Desenho e Trabalhos manuais	Ciências Nat. e Higiene Desenho e Trabalhos manuais	Ciências Nat. e Higiene Desenho e Trabalhos manuais	Ciências Nat. e Higiene Desenho e Trabalhos manuais
Canto Período livre	Canto Período livre	Canto Período livre	Canto Período livre	Canto Período livre
Exercícios físicos	Exercícios físicos	Exercícios físicos	Exercícios físicos	Exercícios físicos